

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA

ANA PAULA ARAÚJO DE SOUSA

**ESTUDO DO VESTUÁRIO MASCULINO EM SÃO LUÍS ATRAVÉS DA REVISTA
ELEGANTE (1892-1905)**

São Luís
2025

ANA PAULA ARAÚJO DE SOUSA

**ESTUDO DO VESTUÁRIO MASCULINO EM SÃO LUÍS ATRAVÉS DA REVISTA
ELEGANTE (1892-1905)**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
História da Universidade Federal do Maranhão com o
requisito para o grau de licenciado (a) em História.

Orientador (a): Prof. Dra. Edyene Moraes dos Santos

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa, Ana Paula Araujo de.

ESTUDO DO VESTUÁRIO MASCULINO EM SÃO LUÍS ATRAVÉS DA
REVISTA ELEGANTE 1892-1905 / Ana Paula Araujo de Sousa. -
2025.

62 f.

Orientador(a): Edyene Moraes dos Santos.

Monografia (Graduação) - Curso de História,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Moda Masculina. 2. Identidade. 3. Revista
Elegante. 4. São Luís. 5. Expressão Cultural. I.
Santos, Edyene Moraes dos. II. Título.

ANA PAULA ARAÚJO DE SOUSA

**ESTUDO DO VESTUÁRIO MASCULINO EM SÃO LUÍS ATRAVÉS DA REVISTA
ELEGANTE (1892-1905)**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de
História da Universidade Federal do Maranhão com o
requisito para o grau de licenciado (a) em História.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^ª. Dr^a Edyene Moraes dos Santos
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Centro de Ciências Humanas/CCH

1º Membro: Prof. Dr. Roni César Andrade De Araújo
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Centro de Ciências Humanas/CCH

2º Membro: Prof^ª. Dr^a Carolina Christiane De Souza Martins
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Centro De Ciências Humanas Pinheiro/CCPI

Dedico este trabalho aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus de ter dado a oportunidade de terminar esse trabalho, aos meus pais pelo apoio em todas as áreas da minha vida e à minha segunda mãe Vanda Maria.

A minha orientadora Edyene Moraes que simpatizou com o tema e aceitou me orientar de maneira leve e maravilhosamente bem, foi essencial sua participação.

Quero agradecer a pessoa que mais me impulsionou terminar essa etapa da minha vida, meu namorado Thúlio Sampaio, que foi meu maior incentivador e por nunca deixar eu desistir.

RESUMO

Este trabalho tem como foco o estudo das representações do vestuário masculino nas edições da Revista Elegante, publicada em São Luís entre os anos de 1892 e 1905. A pesquisa parte do entendimento de que a moda, além de expressão estética, é um fenômeno social e cultural que participa da construção de identidades. O problema é: como o vestuário masculino foi representado nas edições da Revista Elegante entre 1892 e 1905, e de que forma essas representações contribuíram para a construção de uma identidade masculina moderna, elegante e alinhada aos valores europeus na sociedade ludovicense da virada do século? O objetivo é investigar as representações do vestuário masculino na Revista Elegante (1892–1905), analisando como os trajes, acessórios e discursos veiculados no periódico contribuíram para a construção de um ideal de masculinidade na São Luís da virada do século XIX para o XX. A metodologia consiste em estudo qualitativo, descritivo e interpretativo, ancorado na análise documental e iconográfica de fonte primária, com análise de conteúdo. Os resultados demonstram que a Revista Elegante desempenhou papel significativo na difusão de um modelo de homem urbano, civilizado e europeu, reproduzindo padrões estéticos e comportamentais voltados para a elite ludovicense. A publicação evidenciava uma masculinidade associada à elegância, sobriedade e distinção social, articulada à lógica do progresso e da modernidade. Conclui-se que o vestuário masculino, serviu como instrumento de distinção e controle simbólico, refletindo os valores de uma elite que buscava se afirmar por meio da moda e do comportamento alinhados aos padrões europeus.

Palavras-chave: Moda Masculina. Identidade. Revista Elegante. São Luís. Expressão Cultural.

ABSTRACT

This work focuses on the representations of men's clothing in the editions of *Revista Elegante*, published in São Luís between 1892 and 1905. The research is based on the understanding that fashion, beyond aesthetic expression, is a social and cultural phenomenon that participates in the construction of identities. The question is: how was men's clothing represented in the editions of *Revista Elegante* between 1892 and 1905, and how did these representations contribute to the construction of a modern, elegant masculine identity aligned with European values in São Luís society at the turn of the century? The objective is to investigate the representations of men's clothing in *Revista Elegante* (1892–1905), analyzing how the costumes, accessories, and discourses conveyed in the periodical contributed to the construction of an ideal of masculinity in São Luís at the turn of the 19th and 20th centuries. The methodology consists of a qualitative, descriptive, and interpretative study, anchored in documentary and iconographic analysis of primary sources, with content analysis. The results demonstrate that *Revista Elegante* played a significant role in disseminating a model of urban, civilized, and European manhood, reproducing aesthetic and behavioral standards aimed at the elite of São Luís. The publication highlighted a masculinity associated with elegance, sobriety, and social distinction, articulated with the logic of progress and modernity. It is concluded that men's clothing served as an instrument of distinction and symbolic control, reflecting the values of an elite seeking to assert itself through fashion and behavior aligned with European standards.

Keywords: Men's Fashion. Identity. *Revista Elegante*. São Luís. Cultural Expression.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1- Coluna História Muda.....	30
Figura 2- Suplemento da Revista Elegante.....	33
Figura 3- Anúncio na Revista Elegante.....	34
Figura 4 - Anúncio de produtos.....	36
Figura 5 - Ilustração de camisa básica masculina do século XVI a XIX.....	40
Figura 6 - (a) Traje masculino para eventos a noite e (b) camisa para noite, colarinho e gravata	44
Figura 7- Anúncio de vestuário masculino e acessórios na Revista Elegante(1906).....	47
Figura 8- Anúncio dos Armazéns Teixeira na Revista Elegante	50
Figura 9- Anúncio dos Armazéns Teixeira na Revista Elegante acerca dos produtos voltados ao homem moderno.	54

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A CIDADE DE SÃO LUÍS NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX AO XX: BREVE PANORAMA SOCIAL, CULTURAL E ECONÔMICO	7
3	O CONTEXTO NACIONAL, A SOCIEDADE E ECONOMIA MARANHENSE E SUAS OSCILAÇÕES	19
4	A IMPRENSA E AS REVISTAS OITOCENTISTAS	25
4.1	A IMPRENSA NO SÉCULO XIX: O CONTEXTO NACIONAL	25
4.2	O ADVENTO DA IMPRENSA NO MARANHÃO	27
4.3	A REVISTA ELEGANTE, MODA, SOCIEDADE E VISÃO EMPRESARIAL	31
5	A MODA MASCULINA COMO EXPRESSÃO CULTURAL	37
5.1	CONCEITO DE MODA NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX	39
5.2	MODA, MASCULINIDADE E IDENTIDADE SOCIAL.....	43

5.3	A INFLUÊNCIA EUROPEIA NO VESTUÁRIO MASCULINO BRASILEIRO E MARANHENSE.....	47
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar as questões relativas à moda, especificamente o vestuário masculino e seus acessórios utilizados no final do século XIX e começo do século XX, a fim de reconhecer as influências, hábitos e costumes nos usos vestimenta de masculina utilizada pela sociedade Ludovicense, para que possamos conhecer no avanço do cenário da indumentária no Maranhão. Para realizar essa análise, elegemos como recorte temporal a transição entre os anos de 1892 a 1903 como marco cronológico de análise, período de circulação da Revista Elegante e tendo por base a constatação da presença das fotogravuras no interior do periódico

No esforço de realizar a análise proposta, elegemos a Alfaiataria Teixeira e a Revista Elegante como nossas fontes de referência. A Alfaiataria Teixeira foi um uma grande empresa do ramo da vestimenta masculina presente em São Luís, funcionou, do final da década de 1890 até o início dos anos 1900, situado à Praça João Lisboa, nº4, uma das áreas de maior movimentação do comércio na cidade, que teve grande valorização e crescimento pois tinha sua própria tipografia a vapor, o que facilitou a impressão das edições da Revista Elegante, lançado na mesma data, para seus assinantes e clientes no interior e exterior do Estado.

O periódico funcionava como fonte de divulgação de seus produtos, sortimentos recém-chegados da Europa, além de propagandas de perfumes bálsamos para barba, sapatos, bengalas, máquinas de costura e móveis. Sua circulação na sociedade maranhense tinha como intenção propagar a arte moderna e o conceito de belo para os homens e mulheres, com uma tendência virtuosa e delicada na questão de tratar os temas principais do conteúdo da revista. Partindo desse formato, assim estava organizada a revista: Apresentação da edição da revista pelo Gerente Gaspar Pinto Teixeira, geralmente com reflexões sobre a moda; comportamento e a política atual do Brasil; pequenas colunas dispostas sobre reclames de novos sortimentos recém-

chegados na alfaiataria, em sua grande maioria despachados da Europa, colunas literárias dos editores e redatores; charadas; anedotas; pequenas correspondências entre leitores, uma forma direta de se comunicar com os redatores da revista; pensamentos, datas de aniversários dos considerados grandes nomes da sociedade maranhense como médicos, barões e familiares e amigos dos irmãos Teixeira.

No primeiro momento, analisaremos Os dados coletados da *Revista Elegante* serão contextualizados com o estudo sobre o período histórico em São Luís do Maranhão (1892-1903), buscando compreender as relações entre as tendências de moda e as transformações sociais, econômicas e culturais da cidade.

No segundo momento obter um panorama reflexivo sobre a história da imprensa na cidade de São Luís, com foco nas histórias como principal fonte, devido à presença de fotogravuras que ilustram a moda da revista, A chegada das máquinas de tipografia¹ a vapor revolucionou o setor e essa inovação não só barateou o acesso à informação, mas também impulsionou a propaganda e estimulou o surgimento de uma nova cultura visual. A Alfaiataria Teixeira, ao trazer para São Luís a técnica de reprodução de fotografias impressas em seus periódicos, como a Revista do Norte² (a primeira revista maranhense com imagens fotográficas), consolidou-se como uma revista de inovação gráfica.

O terceiro a moda masculina como gênero que transcendeu o simples ato de vestir, revelando-se uma expressão cultural complexa e um fenômeno social, histórico e simbólico que comunicava identidades e hierarquias.

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo, de cunho descritivo e interpretativo, ancorado na análise documental e iconográfica de fonte primária — a Revista Elegante, publicada em São Luís entre os anos de 1892 e 1905, especialmente no intervalo em que se constata o uso de fotogravuras (1892 a 1903). O corpus documental compõe-se de edições digitalizadas do periódico, associadas à Alfaiataria Teixeira, cujo conteúdo será examinado com o objetivo de identificar e interpretar representações do vestuário masculino no contexto da sociedade ludovicense da virada do século XIX para o XX.

¹ Como apresenta MATOS e ARAÚJO (2021) A imprensa no Maranhão teve seu marco inicial com a fundação da Tipografia Nacional do Maranhão em novembro de 1821.

² Segundo Silva (2019) a Revista do Norte é considerada um registro valioso, pois além de ter uma alta qualidade gráfica, apresentava a vida em São Luís no início do século XIX e se tornou referência no mercado editorial.

A análise será orientada por pressupostos da História Cultural, tomando como base a compreensão de que a moda é uma prática social e simbólica (PERROT, 1981; BRANDINI, 2009), capaz de expressar e moldar comportamentos, hierarquias e identidades. Assim, as imagens, descrições textuais e propagandas presentes na revista serão interpretadas não apenas como ilustrações visuais ou registros comerciais, mas como manifestações discursivas que articulam valores, ideais de masculinidade, distinção social e adesão a modelos culturais europeus.

Para tal, será utilizada a técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011), visando a categorização temática das referências ao vestuário masculino: tipos de peças, acessórios, cores, tecidos, estilos, contextos de uso e símbolos associados. Além disso, será feita uma leitura iconográfica das fotografias, inspirada em Panofsky (1989), permitindo uma compreensão mais profunda dos códigos visuais e simbólicos representados nas imagens.

Complementarmente, serão mobilizadas fontes secundárias, como dissertações, artigos acadêmicos e obras teóricas voltadas à moda, à história urbana de São Luís, à cultura material e à formação das identidades masculinas na modernidade. Entre essas fontes, destacam-se os estudos de Gouveia Neto (2008), Oliveira (2021), Debom (2022) e Aucar, Bon e Siciliano (2021), que contribuem para contextualizar a circulação e o impacto da moda masculina em periódicos do período.

Por se tratar de uma pesquisa histórica com ênfase em fontes locais, o estudo adota também uma perspectiva micro-histórica, ao focalizar a cidade de São Luís como espaço de circulação e disputa simbólica em torno da moda, permitindo evidenciar as especificidades da recepção e apropriação dos modelos europeus por meio da imprensa de moda masculina. A Revista Elegante, nesse sentido, é compreendida como artefato cultural e como agente formador de gosto e comportamento, sendo analisada em sua materialidade gráfica, editorial e simbólica.

A sistematização dos dados será organizada em quadros descritivos e analíticos, sempre articulando os elementos visuais e textuais das edições com os contextos sociais e culturais da época. O objetivo é não apenas mapear o vestuário representado, mas também interpretar os significados que ele assumia na construção das identidades e na hierarquização dos sujeitos na sociedade maranhense oitocentista. Nas palavras da revista: “na nossa grata e suprema missão de observarmos que vai de attrahente e de elegante pelo monde - chic,e

temos o sabor vivo, a alegria ingênita de dizer que a arte de trajar é uma das irradiações mais opulentas e sublimes do sentir humano.”³

Constata-se -se uma ideia de modernidade, que segundo Lefebvre, que é não apenas como um avanço tecnológico ou científico, mas também como uma experiência social, que transforma o cotidiano e as relações humanas. perceptível em nossa revista e em seus clientes, que permite aos indivíduos revelarem sua personalidade e seu gosto diferenciado, em um mundo em constante transformação. Mais do que isso, a harmonia e a distinção no vestir são pilares de civilidade, contribuindo para a beleza e a ordem do convívio social e para a imagem de uma nação que caminha para o futuro com elegância

Essa ideia do “ser humano moderno” mudava totalmente o espaço da cidade, inclinando indivíduos para a arte, tecnologias e novidades, notável no trecho : “buscamos com algum espírito, com alguma observação e com algum entendimento fazer sentir aos que nos procuram e apreciam gentilmente a graciosa e impecável manifestação da arte ,onde se ilumina ardente tanto nativo engenho, tanta exaltação da alma e tanta vida⁴” modernidade trazia uma nova sensibilidade estética e uma valorização do indivíduo e de suas capacidades. essa arte sugere que ela é um refinava o gosto e a sensibilidade das pessoas. Promover a "arte de trajar" é uma forma de educar o público nos códigos da civilidade. Ser "civilizado" no século XIX significava não só seguir regras de etiqueta, mas também ter uma sensibilidade apurada para a beleza, para a arte e para as nuances da vida social. o vestuário não era apenas sobre se vestir de acordo com sua classe social pertencente é uma expressão interior de sua identidade, a fim de legitimizar- se por meio das roupas.

Diante da evidente importância do tema, conforme demonstrado, este estudo tem como objetivo promover uma discussão sobre o conceito de modernidade o debate teórico acerca da influência do contexto histórico da cidade, de São Luís do início do século XX. Buscaremos um olhar sobre a materialidade dos periódicos como fontes históricas para a sociedade em sua época pois a apreensão da imagem nos possibilita entender as diversas representações da realidade e a construção de imaginários acerca de um determinado período.

A importância da imagem em nossa sociedade é inegável. Desde seu advento, em tempos remotos, até as novas tecnologias do século XXI, a dimensão visual tem papel ativo na vida do ser

³ Revista Elegante, 31 de maio de 1892, Anno 1

⁴ Revista Elegante 30 de junho de 1892, Nº4 Anno 1.

humano. Muito mais do que apenas estudar imagens, a cultura visual, tida como campo multidisciplinar, consiste numa área de estudos que associa a cultura à visualidade. (SANTIAGO, 2013, P 01.)

A análise da Revista Elegante revela sua relevância através de diversos recursos. Os reclames chamativos e a qualidade das imagens de produtos eram essenciais, complementados por poesias e anedotas em quadras com ritmo envolvente. O foco principal era o vestuário (novidades, aviamentos, modelos, tecidos) e o estilo de vida, destacando a figura da mulher aparecia algumas vezes. A revista também abordava personalidades da música, moda, teatro, jornalismo e literatura, e fazia questão de mencionar fregueses e amigos.

A Revista Elegante, ia além de uma simples publicação de moda ao atuar como um agente cultural e comercial. Metodologicamente, ao analisar seu conteúdo, podemos concluir como a revista buscava influenciar a sociedade local, divulgando não apenas produtos europeus, mas também promovendo a arte moderna e um ideal de beleza e virtude para homens e mulheres. Sua estrutura, que incluía desde reflexões sobre moda e política até colunas literárias, charadas e interações com leitores, revela a complexidade de suas intenções, que ao mesmo tempo em que era um catálogo de consumo, funcionava como um espaço de diálogo social e de legitimação das elites maranhenses através da menção a figuras proeminentes da época, e de seus próprios consumidores.

2 A CIDADE DE SÃO LUÍS NA TRANSIÇÃO DO SÉCULO XIX AO XX: BREVE PANORAMA SOCIAL, CULTURAL E ECONÔMICO

No século XIX, a Europa vivenciava profundas transformações em suas estruturas sociais e intelectuais. Esse período foi marcado pela ascensão de diversas ideias modernizadoras que influenciariam o mundo todo. No Brasil, essas novas correntes de pensamento não tardaram a chegar, principalmente através de um canal muito específico: os filhos das elites brasileiras que eram enviados para

fora do Brasil, com o objetivo de frequentar as universidades europeias mais prestigiadas.

Questões importantes da época como a Revolução Industrial e o avanço do imperialismo europeu⁵, são intensificadas no Brasil com o retorno dos filhos das elites, não apenas de posse de seus diplomas, mas também imbuídos de um senso de superioridade cultural adquirido nas cidades europeias, agora adaptado e reproduzido nos trópicos.

Neste contexto, graças aos dois principais produtos econômicos da província, isto é, o algodão e o açúcar, embora alternassem momentos de prosperidade e crises na balança comercial, proporcionaram às elites de fazendeiros e comerciantes uma certa opulência, possibilitando o luxo de mandarem seus filhos estudarem em escolas superiores do país como Salvador⁶, Olinda, Rio de Janeiro e principalmente na Europa, mais precisamente em Paris, na França.

Na sociedade de São Luís, na segunda metade do século XIX, pessoas de todas as classes sociais e gêneros (pobres e ricos, homens e mulheres) buscavam elementos que as identificassem com hábitos e costumes europeus. Isso incluía lugares, objetos, símbolos, comportamentos, leituras, estilos arquitetônicos e pinturas. Esses elementos serviam para firmar a identidade de cada um como membro de uma comunidade específica.

Como nos diz Ferreira, (2018, p 22) acerca da complexidade da sociedade ludovicense na transição do século, com suas aspirações e contradições, é bem capturada:

Também dentro da cultura da cidade, como teatros e centros culturais, ou seja, uma estrutura urbana. À medida que o século XX se aproximava, novas perspectivas sobre a modernidade ganhavam força, especialmente entre os intelectuais menos apegados às tradições. Esses grupos almejavam uma cidade que refletisse os ideais de limpeza, civilidade e modernidade, tendo Paris como um modelo a ser seguido.

⁵ O Imperialismo foi um período de expansão colonialista e a, que reconfigurou territórios e teve profundas e duradouras consequências para os povos e as regiões colonizadas.” Com efeito, entre 1870 e a deflagração da Primeira Guerra Mundial, deu-se a repartição quase completada África entre os Estados europeus e a ocupação de vastos territórios da Ásia. ” Bobbio, NORBERTO; Nicola MATTEUCCI; Gianfranco PASQUINO, Dicionário de política Brasília: 1ª ed., 1998, p.611.

⁶ FERREIRA, Carlos Eduardo. Teatro São Luiz: Entretenimento e sociabilidades na capital da província do Maranhão na segunda metade do século XIX. 2018, p. 21.

Consequentemente, é relevante mencionar os códigos de Posturas, existentes desde a segunda metade do século XIX, que consistia em documentos que funcionavam como regulamentos municipais que definiam regulamentações para o uso e a interação nos espaços urbanos. Seu propósito era promover a ordem, a salubridade, a segurança, os hábitos de convivência e a qualidade de vida e que nos indica qual o modelo cultural civilizatório adotado imposto pelas elites locais, o que nos permite também visualizar qual era a cidade “ideal” almejada. Segundo Sousa (2007) p. 102, A imprensa denunciava a ineficácia da administração pública e o despreparo da população para a “vida moderna”, associando a falta de higiene e a imoralidade a um atraso social que impedia o progresso da cidade. a questão da desordem para reforçar uma visão de mundo alinhada aos novos ideais republicanos e liberais, condenava os comportamentos e modos de vida das camadas populares que não se encaixavam no modelo de sociedade civilizada e moralmente correta que se buscava implantar.

Nas páginas da Revista Elegante, há a referência aos “nascidos com as tendências inspiradoras para as Artes, missão Bella e sublime, que ninguém ainda nos roubou, advogamos- nos a causa como os verdadeiros adeptos do Bem e do Belo⁷”, nota-se a inclinação para um discurso de civilidade e modernização do editor da revista. A ampla circulação de ideias em publicações como o referido periódico, bem como em outras instituições sociais, acabou por criar uma distância significativa da população com menos recursos, especialmente daqueles em situação de extrema pobreza. Era possível notar a influência de costumes europeus nos estabelecimentos comerciais das cidades, onde uma variedade de artigos de luxo era oferecida ao público, como podemos constatar na escrita de Iramir Alves Araújo (2013, p. 39):

A Influência francesa se fez sentir por portugueses e brasileiros que passaram a desejar e consumir tudo o que vinha da França: ideias, objetos, hábitos, produtos culturais, franceses ou francesa, como símbolo de modernidade, de *finesse*, de elegância, de cultura.

Essa observação de Araújo é importante para compreender o posicionamento da Alfaiataria Teixeira, que, ao comercializar artigos de luxo importados da Europa,

⁷ Revista Elegante, ,30 de junho de 1892, Nº 4, ano 1. ”7

especialmente da França, respondia diretamente a essa demanda por distinção e status das classes mais abastadas de São Luís.

A Alfaiataria Teixeira incluía-se nesse pequeno nicho de comércio de luxo, já que não apenas comercializava roupas masculinas, mas também utensílios domésticos, perfumes e sapatos. Sendo assim uma loja de alto padrão para seus clientes como podemos constatar na citação abaixo, em que é possível perceber um pouco mais sobre o que se propunha, o teor do discurso civilizatório, tanto a alfaiataria, quanto as revistas de publicações quinzenais e distribuição gratuita entre seus clientes, como exemplo a Revista Elegante do Maranhão, publicada em 29 de agosto de 1892, nº10, diz que:

[...] Cremos que a ignorância nunca salvou homem nos desequilíbrios do cérebro, o qual nunca recebeu cultivo mental no desenvolvimento poderoso de uma educação artística, uma educação larga e superior. Buscamos com algum espírito, com alguma observação e com algum entendimento fazer sentir aos que nos procuram e apreciam gentilmente, a graciosa e impecável manifestação da Arte, onde se ilumina ardente tanto nativo engenho, tanta exaltação da alma e tanta vida.

É de se notar os editores da revista, adotam uma escrita em tom bastante solene, romântico e idealizado, característico de discursos ou manifestos do século XIX, que valorizavam a expressividade teatral, inspirados em uma sociedade idealizada, não correspondendo, na maior parte, à realidade do dia-a-dia dos habitantes, uma vez que a vida cotidiana na cidade nem sempre se adequava aos Códigos de Posturas da Câmara Municipal de São Luís, especificamente ao modelo de comportamento considerado “ideal” “exigido” do público consumidor da alfaiataria. Sobre o Código de postura, Neto (2009, p.11), diz que:

É o código de 1892 que dá essa informação, o que contrariava a pretensão dos Ludovicenses em serem iguais aos europeus, ou melhor, até eram, mas não iguais ao povo considerado mais civilizado da Europa, os franceses, e sim aos portugueses, fato que não é estranho, pois São Luís, contrariando na prática o desejo da singularidade francesa, era uma cidade eminentemente portuguesa, seus habitantes mostravam bem sua ascendência europeia portuguesa, no que concerne a estender seus varais de roupas pelas ruas, numa prática que até hoje persiste em terras de Portugal.

Retrocedendo ao começo do Século XIX, para entendermos a cidade, os indivíduos da elite expressavam frequentes queixas em relação à paisagem que viam de suas residências. A vista, longe de ser agradável, era dominada por uma

série de sujidades acumuladas nas ruas, revelando a precária condição de higiene urbana. Além disso, a ausência de um saneamento básico adequado contribuía significativamente para o cenário desolador, expondo as fragilidades da infraestrutura da cidade.⁸ Essa realidade era ainda mais agravada pela presença visível de pessoas acometidas por moléstias, um triste reflexo das condições insalubres e da falta de acesso a serviços essenciais, que futuramente viriam a surgir. Para além desses aspectos, a paisagem era igualmente marcada pelas habitações improvisadas, muitas delas construídas com materiais como a palha, pertencentes às camadas sociais mais baixas e que se espalhavam pela área urbana. Como nos diz a historiadora Maria da Glória Guimarães Correia (2010, p. 28), esse panorama representava um contraste social e ambiental de se admirar na época, em que:

[...] o mal-estar que causava aos moradores desses sobrados ao abrir suas janelas e se deparar com uma cena que os feria aos olhos, por isso a proibição, através do art.60 do código de 1866, da construção de casas cobertas de palha dentro da cidade, mas também cobrir novamente as que já o tiverem sido feitas com essa planta.

Como descrito, é notável a diferença social entre o público que frequentava os espaços culturais considerados de elite e a própria alfaiataria, com o restante da população majoritária de São Luís que estendia roupa nos varais à mostra, como com base na análise de Neto (2009), informava o código de postura de 1866, no art. 58, que proibia “assoalhar-se roupa às janelas, ruas e praças desta cidade. Aos contraventores a multa de cinco mil reis, e o dobro nas reincidências”.

O código ainda dizia no art. 175, o seguinte: “É igualmente proibido corar, enxergar ou estender roupas nas janelas, praças, largos, ruas e travessas, em armadilhas, cordas, ou/ no chão, salvo nos lugares designados pela Intendência. Ao infrator a multa de 5\$000” (Neto, 2009). Ocasionalmente, que teoricamente deveria zelar pelas bons hábitos e aparência da cidade como é possível perceber no código de Posturas de 1866, em seu artigo 102 no Título que trata do “Cômodo e Seguridade”, expõe sobre a limpeza das ruas, relatando que:

⁸ No início do século XIX, como registra PEREIRA (2006) *apud* RAMOS (2018) P 21, São Luís possuía apenas dois bairros: a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e a freguesia de Nossa Senhora da Vitória-Praia Grande.

Ninguém poderá lançar à rua coisa alguma que possa torná-la imunda, nem prejudicar ou incomodar os que nela estiverem. Aos contraventores, a multa será de cinco mil réis, e nas reincidências, dez; sendo o objeto lançado à rua removido à custa dos contraventores. Se a pessoa que incorrer nas penas desta postura não tiver meios de pagá-las, sofrerá então a pena de dois dias de prisão.

Construindo a realidade desse período, nesse trecho, reforça a responsabilidade sobre a limpeza do espaço, independente de classe social, o contraventor, ou seja, o causador do ato infracional, sendo feita o recolhimento sobre algo que fora lançado por ele mesmo.

3 O contexto nacional, a sociedade e economia maranhense e suas oscilações

LACROIX (2002) p. 69, expõe que em 1823, o Maranhão se uniu ao Brasil, libertando-se formalmente do domínio português. A autonomia administrativa da província, estabelecida pela Carta Régia de 1621 que criou o Estado do Maranhão, fez com que a população local, em particular a de São Luís, cultivasse uma identidade distinta do restante do país. Por conta de seus profundos vínculos sociais e culturais com a Europa, o povo ludovicense não nutria, de imediato, um sentimento de pertencimento à nação brasileira, sentindo-se mais conectado à cultura e aos costumes europeus. Considerando o contexto econômico, a economia maranhense baseava-se na exportação e “estava passando por momentos de oscilações, devido a crise de dois de seus principais produtos nessa fase, isto é, o algodão e o açúcar” (Ferreira, 2018, p.14). Havia muitos produtos provindos do plantio. Para entender o panorama do século XIX, nossa localidade foi absorvida pelas dinâmicas do mercantilismo e é necessário considerar a relevância da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, estabelecida em 1755 e sua relevância até 1820. Com seu monopólio comercial na área, a companhia não só supria a demanda por escravos e bens agrícolas, mas também impulsionava o crescimento econômico.

A criação dessa companhia foi determinante para a introdução de milhares de africanos escravizados nas plantações de algodão e cana-de-açúcar da região. Durante os anos de 1830 e 1840, a Província encontrava obstáculos na comercialização de seu algodão, pois “neste momento, surgiram conflitos localizados, lutas de facções municipais, que vão se desdobrar em movimentos de

insatisfação popular”,⁹ prejudicando a produção nas grandes produções para exportação (Reis, 2007, p. 27)

Com essa mudança, a capacidade produtiva não correspondia mais àquela de cinquenta anos atrás, no caso do Maranhão. A fim de resgatar a economia local, o governo incentivou a cultura da cana-de-açúcar e a instalação de engenhos, percebendo isso como um bom caminho. “Na Baixada e no vale do Pindaré, onde estavam as melhores terras para a cana, logo iniciaram as construções de engenhos” (Reis, 2007, p. 28).

No plano nacional, influentes proprietários donos de terra começaram a direcionar recursos e esforços para a comercialização de pessoas escravizadas e as substituir por emigrantes europeus, que a partir das primeiras discussões sobre a abolição e com a pressão inglesa pelo fim do trabalho cativo como a criação de leis como a Lei Eusébio de Queirós¹⁰, promulgada em 1850, foi um marco importante ao proibir o tráfico negreiro transatlântico para o Brasil. A lei gerou uma demanda por novas fontes de mão de obra, nesse contexto, o trabalho assalariado de imigrantes europeus, por meio de sistemas como a “parceria”, ou seja, a troca de serviços, sendo muitas vezes os emigrantes teoricamente sócio dos patrões, recebendo uma quantia, e começou a ser incentivado como uma alternativa à mão de obra escrava.

“O censo de 1872 já indicava que o número de homens livres (86.939) trabalhando na lavoura era superior ao dobro de escravos (36.964)” (Reis, 2007, p. 34). O crescimento da produção brasileira durante as décadas de expansão foi impulsionado pela contratação de mais trabalhadores.

Visando o lucro, os grandes proprietários de terra usavam de um artifício para se beneficiarem de seus trabalhadores, basicamente, diminuía-se seu percentual de terra do plantio e estabeleceram relações de subordinação econômica com os plantadores. Em troca da exploração do solo, esses trabalhadores se viam forçados a repassar suas mercadorias aos grandes proprietários, funcionando como uma espécie de pagamento pelo direito de uso da terra.

No entanto, é crucial notar que esse processo não foi uma substituição direta e imediata de escravos por imigrantes em condições de trabalho justas. Com o

⁹ Segundo Janotti (2005), no século XX, historiadores passaram a interpretar a Balaiada como um movimento que resultou na ascensão de brasileiros ao poder provincial e nacional, na consolidação do coronelismo e na formação de um pacto de dominação entre as elites políticas.

¹⁰ Outras leis foram importantes para a proibição da escravidão negreira, no começo e final do século XIX, Como a Lei de 7 de novembro de 1831, Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, Lei Saraiva-Cotegipe de 28 de setembro de 1885 e Lei Áurea 13 de maio de 1888.

declínio do algodão na segunda metade do século XIX, se reconfigurou o cenário econômico e nesse panorama, o crescimento da produção de café e cana-de-açúcar, o Estado passou a ter um papel fundamental na modernização e no fortalecimento das cidades.

Precisa-se levar em conta as razões pelas quais as exportações não terem enfrentado queda, mesmo com os escravos sendo libertos. Segundo análises sobre o período, existem algumas menções a trabalhadores que eram pagos por dia para fazer esses serviços de agricultura. A incapacidade do sistema exportador do Maranhão de se modernizar e prosperar, foi diretamente ligada à migração forçada de escravos. Com a crescente libertação de trabalhadores nas fazendas, a venda dessas pessoas para as províncias do café, principalmente para fora do Estado, em plena expansão, resultou em uma grande escassez de mão de obra na então província.

Os antigos proprietários de terras que continuaram a investir na produção de algodão reduziram a área cultivada. Em vez de grandes plantações próprias, eles passaram a criar um sistema de dependência econômica com os pequenos agricultores. Estes, por sua vez, eram obrigados a vender sua produção de algodão aos grandes proprietários como forma de pagar pelo uso da terra. Durante essa segunda metade do século XIX, a falta de apoio do Governo que decidisse apoiar os empreendimentos da indústria, ocasionava ora um período de progresso, ora fracasso de mercado.

Outros motivos pelo qual o declínio do açúcar nas décadas finais do século XIX ocorreu frequentemente por causa das técnicas de plantio que ficaram defasadas em relação às inovações tecnológicas empregadas por outros polos produtores. Já que é notável dizer que essa ausência de investimentos em maquinário e em infraestrutura adequada, como sistemas de transporte mais eficientes, resultava em custos de produção mais elevados, o que, por sua vez, impactava negativamente a competitividade do açúcar maranhense no mercado. Como explica Jeronimo de Viveiros, em *Jornal o Progresso* (1897, s/p):

‘Não temos auxílios de maquinas, nem processos aperfeiçoados em nossa indústria agrícola para compensarmos a deficiência do preço e do nosso algodão. Isso explica a razão porque os Estados Unidos da América florescem e prosperam cultivando o algodão’

Jerônimo de Viveiros nos afirma que como comércio algodoeiro maranhense competia diretamente com o norte americano o fim da Guerra Civil Americana¹¹, a produção algodoeira dos EUA foi rapidamente retomada e se reinseriu no mercado internacional a volta do algodão americano, com sua competitividade e qualidade superior, e fez com que o algodão maranhense perdesse novamente sua posição privilegiada e voltasse a enfrentar a forte concorrência.

A "falsa euforia" do período da Guerra Civil chegou ao fim, e o Maranhão, já enfrentando problemas internos como a crise da mão de obra escrava em virtude da abolição em 1888 e a falta de modernização, viu sua produção algodoeira entrar em definitivo declínio nas décadas seguintes do século XIX.

A introdução de inovações tecnológicas e a reestruturação dos métodos de produção representaram um elemento determinante para a transformação econômica em análise. A transição da mão de obra escravizada para o trabalho assalariado instigou significativas alterações nas dinâmicas do mercado de trabalho regional. Esse processo foi acelerado pela necessidade de adaptação às novas conjunturas econômicas e sociais, advindas do fim do regime escravocrata, bem como pela pressão para a modernização dos setores agrícola e industrial. Nesse contexto, a instalação de unidades fabris e têxteis, a otimização dos sistemas de transporte e a implementação de técnicas agrícolas aprimoradas configuraram as principais ações que demarcaram o período estudado.

Assim, é possível identificar o processo de decadência econômica do algodão e as tentativas de enfrentamento da crise e de alavancar a economia local. Com certo atraso em relação às outras nações por conta das dificuldades impostas por Portugal durante o período colonial, que tinha um interesse em manter o Brasil como uma colônia de exploração, fornecedora de matérias-primas e o Brasil foi palco de notáveis alterações sociais e culturais impulsionadas pela sua inserção no mundo capitalista.

Esse processo foi facilitado pela formação de uma nova classe dominante, cujos pensamentos já estavam em sintonia com as tendências europeias da época. Os grandes produtores de café passaram a investir no comércio e na indústria,

¹¹ Jerônimo de Viveiros interpreta a Guerra Civil Americana (1861-1865) como uma "euforia" para o algodão maranhense, que impulsionado pela demanda europeia, experimentou um crescimento de procura e demanda. Essa fase acabou se tornando passageira devido à recuperação da produção norte-americana e às fragilidades estruturais da economia maranhense, como a concorrência e a falta de inovação, que rapidamente levaram a cotonicultura local de volta ao declínio.

concentrando-se principalmente nos ramos alimentício e têxtil, o que culminou no surgimento de um porto industrialização brasileira. Conforme a bibliografia existente, o Maranhão não conseguiu modernizar sua estrutura produtiva exportadora nem ser competitivo no final do século devido a dois entraves cruciais: a carência de trabalhadores e a escassez de capital no campo. Segundo Brito (2010, p.24):

“A ascensão do setor têxtil no século XIX dá-se inicialmente com a produção de tecidos grossos para vestimenta de escravos e trabalhadores livres, e para ensacar o açúcar e o café, este o principal produto de exportação brasileiro no período. Aparece a partir daí a organização em bases empresariais, e as empresas brasileiras começam a substituir as importações de tecidos.”

Os produtores rurais passaram a investir na instalação de fábricas, impulsionados pela busca por melhor lucratividade e maior controle sobre a produção, uma vez que enfrentavam desafios na comercialização de seus produtos e também na produção. Entre o final do século XIX e o início do século XX, vivia-se o tempo de entusiasmo em que as fábricas traduziam-se para muitos em símbolo de civilização e desenvolvimento

Segundo Matos, (2015, *apud* Fonseca), o Maranhão experimentou uma rápida transformação, deixando de ser uma economia essencialmente agrícola, escravocrata e voltada para a exportação para se tornar um estado industrial. Os impactos dessa súbita industrialização podem ser analisados no decorrer do século seguinte. Desse modo, Brito (2010, p. 26), afirma que:

Em São Luís, a primeira fábrica do gênero só se instalou em 1888, foi a Companhia de Fiação e Tecidos Maranhense, construída na Camboa do Mato, às margens do rio Anil, com capital de 1.200 contos, 300 teares, produzindo tecidos em geral, riscados grossos e finos e fios em novelos.

No advento do século XX, a indústria têxtil maranhense não resistiu à concorrência das fábricas do Sul e Sudeste e entrou em declínio. Entre os fatores que contribuíram para isso estavam a ausência de atualização tecnológica, os elevados encargos sociais, altos e baixos nas políticas governamentais o reduzido poder aquisitivo dos consumidores locais, a escassez de mão de obra qualificada e a incapacidade de modernizar suas máquinas. É importante termos um pouco de conhecimento sobre o cenário econômico. Desse modo, Souza e Neves (2025, p. 13) assevera que:

A variação no número de empregados e nos salários também reflete a diversidade das fábricas têxteis no Maranhão. Algumas empresas contavam com um número significativo de funcionários, enquanto outras operavam em menor escala. Essa discrepância estava provavelmente relacionada ao porte da fábrica e à sua capacidade produtiva, influenciando diretamente a quantidade de mão de obra necessária.

Fica evidente que as disparidades salariais observadas podem ser atribuídas a uma combinação de fatores, como a capacidade financeira das indústrias, a necessidade de habilidades específicas e a situação do mercado de trabalho daquele período. Fábricas de maior porte e com maior produtividade tinham a possibilidade de oferecer remunerações mais atrativas, visando captar e manter funcionários qualificados.

Por outro lado, empresas menores talvez não dispusessem dos recursos para competir nesse quesito. As condições econômicas gerais do Maranhão e a disponibilidade de mão de obra especializada também podem ter influenciado essas variações salariais, evidenciando a complexa dinâmica do setor têxtil na região. É importante ressaltar que a possível continuidade de práticas análogas à escravidão nas relações de trabalho, embora ainda exija maior investigação, não deve ser descartada como um fator contribuinte.

Conforme exposto, para se compreender a trajetória da Alfaiataria Teixeira e a natureza de seu sortimento de produtos, é relevante ter uma noção clara do panorama histórico da indústria têxtil no Maranhão. Este setor, em particular na capital São Luís, experimentou um período de notável ascensão, que lhe conferiu, inclusive, o epíteto de "Manchester Maranhense" no século XIX, um período em que a cidade viveu um significativo crescimento industrial, especialmente no setor têxtil. Essa denominação se deu por causa da cidade de Manchester, na Inglaterra, era o berço da Revolução Industrial e sinônimo de desenvolvimento fabril. Contudo, essa fase foi sucedida por um inevitável declínio, moldando o cenário econômico local.

Mesmo em meio a esse advento de ascensão e declínio da produção têxtil local, um aspecto notável da Alfaiataria Teixeira era a sua estratégia de suprimento. Longe de depender exclusivamente ou majoritariamente da produção têxtil interna do Maranhão, a alfaiataria distinguia-se por não abrir mão do uso da importação de artigos provenientes da Europa.

De fato, o que se observa é que o sortimento oferecido pela Alfaiataria Teixeira era de preferência de origem francesa. Esse encantamento por produtos europeus, mesmo em um contexto de alguma produção local, pode ser interpretado de diversas maneiras: desde a busca por tecidos de qualidade superior, designs mais sofisticados e atualizados com as tendências da moda europeia, o que os homens (e mulheres) eram fascinados, até a necessidade de complementar a oferta local que, talvez, não atendesse à diversidade ou ao volume desejado pela clientela mais exigente.

Portanto, a Alfaiataria Teixeira se posicionava de forma particular cenário têxtil maranhense, utilizando-se estrategicamente da importação para garantir um volume diversificado de produtos diversificado e de alta qualidade, independentemente das flutuações da indústria local. Sua operação revela uma faceta interessante das dinâmicas comerciais da época, onde a busca por excelência e a satisfação do cliente podiam superar a lógica de se apoiar primariamente na produção doméstica.

Nessa forma de abordagem, Alfaiataria Teixeira mostra algo interessante sobre como o comércio funcionava naquela época: para eles, oferecer produtos de alta qualidade que e deixassem o cliente satisfeito era mais importante do que usar apenas o que era fabricado aqui no Brasil. Eles não se limitavam à produção local caso se pudessem conseguir algo de qualidade e que lhe oferecessem um *status* e orgulho de informar que sua 'roupa feita' seu chapéu, seu paletó, seu sobretudo, por exemplo, era última moda em Paris.

4. A IMPRENSA E AS REVISTAS OITOCENTISTAS

4.1. A Imprensa no século XIX: o Contexto Nacional

O desenvolvimento das políticas da imprensa periódica no Brasil, no período agitado da Independência, só pode ser plenamente compreendido com uma base de informações sobre as condições políticas da época que eram de transição do período do colonial sob o reinado da família real portuguesa até o processo de emancipação política do país. Até então, era terminantemente proibida por lei a implantação da imprensa no Brasil, pois não era de interesse da metrópole que a colônia desenvolvesse autonomia por meio da produção de seus próprios textos e

periódicos, assim como criava um mecanismo que impedia a circulação de ideias que poderiam ter algum efeito revolucionário.

Manter a população afastada do acesso à informação e do exercício da crítica era uma estratégia eficiente para assegurar o controle político e econômico sobre o território. Com a criação da instituição de Imprensa Régia em 1808, foi possível o estabelecimento do serviço de imprensa no Brasil¹² (Silva, 2019). Na transição do século XIX para o século XX o periodismo brasileiro revelou claramente um tempo de grande experimentação.

A ascensão das revistas ilustradas impactou o campo do periodismo literário levando a uma diversidade de publicações. A camada social que mais se influenciava por jornais e revistas era a sociedade burguesa, pois ela tende a desempenhar um papel significativo na cultura e na moldagem da mentalidade, inspirada especialmente a sociedade francesa, modelo cultural seguido no Brasil no período.

Segundo Cruz, (2013) as práticas letradas e particularmente a escrita, constituem dimensões importantes das relações culturais da cidade de um lugar. Durante a segunda metade do século XIX, o contexto cultural pelo qual a cidade de São Luís experimentava era a de sua tentativa de industrialização. Quanto mais a cidade tentava adequar-se ao processo de industrialização, mais forte ficava a ideia de que ela era um local moderno.

No contexto do pré -Independência, praticamente todos os jornais e folhetos em circulação a partir da Revolução Liberal do Porto tinham dimensão política, porque a Revolução Liberal¹³, quando instituiu as liberdades constitucionais, publicitou a política, que deixou de ser um assunto restrito às estruturas da nobreza para ter uma dimensão ampla¹⁴.

¹² O jornal Correio Braziliense circulou em Londres, entre 1808 e 1822. Foi fundado pelo jornalista Hipólito José da Costa como instrumento de educação política da elite brasileira no início do século XIX. A publicação contribuiu para a difusão de ideias liberais, era enviado pro Brasil e incentivava separação política entre colônia e metrópole. (Marcília Rosa Periotto: O Correio Braziliense (1808-1822), O Ensino Mútuo e O Desenvolvimento Material Do Brasil)

¹³ A Revolução Liberal de 1820 em Portugal estruturou-se por meio de um conjunto de documentos políticos e jurídicos que orientaram a transição do absolutismo para uma monarquia constitucional, embora sem alcançar transformações significativas nas áreas social, econômica e tributária, o que acabou por limitar seu impacto renovador ao longo do tempo. (Cardoso, José Luís. A Revolução Liberal de 1820: guião de uma revolução inacabada. Guarulhos, Almanack, 2021)

¹⁴ Informação extraída da entrevista concedida pelo historiador e professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) Marcelo Cheche Galves ao Podcast 200 Anos da Imprensa no Maranhão—Episódio 1- Breve Histórico da imprensa no Maranhão: (1821-2021).

A instalação das primeiras indústrias trazia a sensação de que a cidade estava progredindo e se desenvolvendo. Assim, os grupos burgueses locais usavam desse “processo de modernização” advindo da ascensão das fábricas, para comunicar, através dos impressos suas ideias de modernidade e civilização. As elites usavam a escrita para expressar suas opiniões, criar regras, contar a história do jeito delas. Era um “campo privilegiado” delas, ou seja, era o lugar onde elas tinham mais voz e controle.

Dependendo do lugar e do tempo nos quais estes homens e mulheres estão inseridos, essas formas de identificar se modificam, são readaptadas a fim de adequarem-se às necessidades do convívio social. Para a sociedade elitista do referido período não foi diferente, que conforme Fonseca (1996, p.12):

[...] com a formação de uma camada social burguesa que passa a compor o poder com os senhores territoriais e o consequente desenvolvimento da vida urbana, estabelece-se o contexto da sociedade oficial, que se esmerava na imitação dos valores sociais e culturais importados da Europa .

Desse modo, de acordo com Fonseca, com o surgimento e a ascensão da burguesia nas cidades, essa nova elite, junto com as antigas famílias poderosas, começou a ditar as regras da sociedade. E para isso, elas se baseavam e copiavam os costumes, as modas e a cultura que vinham da Europa, buscando parecerem mais modernos aos olhos do mundo. “Em meados do século XIX, a imprensa passa por mudanças significativas. Surge um novo tipo de periódico, a revista ilustrada, que conta com farta ilustração para saciar os leitores ávidos por imagens.” (Santiago, 2013, p. 2). O que vemos é um reforço sobre a importância das revistas ilustradas como mediadoras culturais e visuais da moda e dos costumes.

4.2 O advento da imprensa no Maranhão

O surgimento da imprensa no Maranhão reflete o avanço das ideias liberais e o crescimento da atividade editorial. A imprensa tornou-se um instrumento essencial de luta política, expressão intelectual e formação de identidade regional ao longo do século XIX. As máquinas de tipografia a vapor foram um marco industrial para imprensa, que agora poderia reproduzir, principalmente jornais e periódicos em massa, com a impressão de textos e imagens em algum tipo de papel, como já

estavam sendo reproduzidos em uma quantidade maior, mais pessoas poderiam ter acesso e por um preço mais baixo e provocando um estímulo a propaganda.

A tipografia, em primeiro momento, pode ser imaginada apenas como uma estrutura importante para a produção dos jornais maranhenses que permitiu não apenas o início, mas a incitação ao investimento no maquinário e uma forma de fonte de renda para os primeiros jornalistas maranhenses. Contudo, o surgimento das primeiras tipografias no Maranhão, veio acompanhado de carga política e social que viria a provocar uma verdadeira ebulição e animosidade da burguesia da época.

A oficina de *Typogravura* Teixeira, dirigida por Alfredo Teixeira, foi pioneira na implantação, adição de tipogravuras, também era diretor artístico da Revista do Norte,¹⁵ que se tornou a primeira revista ilustrada maranhense com fotografias, como podemos observar abaixo. Utilizava as ilustrações através da coluna chamada de “História Muda”, que consistia em charges animadas sobre a visão do homem e a mulher, pequena história ilustrada e contada de forma continua podendo variar entre ilustrações e fotografias impressas. A qualidade da fotografia é notável e consolidou-se como um dos principais símbolos do progresso, integrando-se de forma gradativa à dinâmica social urbana a partir do final do século XIX e início do século XX.

A inserção foi favorecida pelo avanço dos processos gráficos de reprodução e impressão de imagens nos centros urbanos. Nesse cenário, a fotografia passou a desempenhar um papel da atuação da imprensa na vida moderna, associando-se ao ideal de modernidade urbana que, no período republicano, era fortemente impulsionado pelo entusiasmo com o progresso

A Revista do Norte foi [...] “a primeira revista ilustrada com imagens fotográficas do Maranhão, contemporânea das primeiras grandes revistas ilustradas brasileiras ” (Silva; Junior, 2019). A Revista é reconhecida como um valioso e expressivo registro histórico da cidade de São Luís no início do século XX, não apenas pela riqueza de sua produção fotográfica, mas também pela diversidade e relevância dos temas abordados em seu conteúdo editorial. Entre os nomes que se destacaram na condução da revista, é o de Alfredo Pinto Teixeira. Além de atuar

¹⁵ Um projeto em conjunto com o jornalista Antônio Lobo, uma das lideranças do grupo de intelectuais autodenominados “Os Novos Atenienses”, termo cunhado por ele em (1890-1930). O grupo atuava sobre circunstância de decadência econômica e cultural da cidade de São Luís entre o final do século XIX e início do XX. Este grupo queria apresentar um reavivamento deste cenário de discurso literário do passado glorioso de riqueza material, cultural e sobretudo literário da geração criadora da Atenas Brasileira.

como diretor da tipografia responsável pela produção, ele também ocupou o cargo de diretor artístico da Revista do Norte. Sua atuação foi amplamente reconhecida por sua competência técnica com os materiais impressos sob sua responsabilidade.

O trabalho de Barbosa (2007, p.31) contribuiu para o alto nível gráfico e visual da revista, consolidando-a como referência de qualidade editorial em sua época.

A circulação de fotografias, especialmente as impressas nas revistas ilustradas, caracterizou uma função fundamental e exponencial na criação de uma nova visualidade de mundo de uma geração de pessoas que acompanharam a ampliação do “olhar que passa a existir no início do século XX”.

Com modernização da imagem e fotografia, aos poucos eram feitos essa introdução mesmo com uma grande parcela da população ainda analfabeta, como nos confirma Barbosa (2007), quando afirma que essas publicações se tornaram mais acessíveis. A natureza visual das fotos e imagens facilitava a absorção das informações transmitidas pela imprensa, resultando no aumento e na diversificação do público leitor dos periódicos.

A expansão da indústria gráfica no Maranhão, no século XIX, foi crucial para o crescimento dos veículos de imprensa locais. Enquanto isso, Silva (2019) assevera que a primeira tipografia foi instalada em São Luís em novembro de 1821 a pedido feito a pedido de marechal Bernardo da Silveira Pinto da Fonseca foi por sua ação que o primeiro jornal maranhense, O Conciliador do Maranhão¹⁶, foi impresso, tornando oficialmente a fundação da imprensa no Maranhão (Jorge, 2006; Galves, Basílio & Pinto, 2019).

¹⁶ O Conciliador do Maranhão foi um jornal impresso no século XIX em São Luís, considerado um dos primeiros periódicos maranhenses. Representa uma das primeiras manifestações tipográficas do Maranhão, sendo parte da história da imprensa local

Figura 1 - Coluna História Muda



Fonte: Revista do Norte, (Nº4, Dezembro de 1905, anno V).

Em relação à questão da qualidade e disponibilidade do tipo do papel utilizado na impressão da a Revista do Norte, Revista Elegante ou outros periódicos, lembramos que como disse Frias (2001, p.35):

A escassez de papel adequado no mercado era um dos principais obstáculos enfrentados pelas tipografias no século XIX. O autor relata que, sem um estoque variado de papéis — cuja necessidade apenas os profissionais da área compreendiam plenamente —, os tipógrafos eram constantemente afetados por dificuldades. Ele menciona que aguardou dois anos para iniciar a impressão de uma obra por falta de papel adequado e que outra produção permanecia em espera há dois meses, dependendo da chegada do insumo.

Um dos principais entraves enfrentados pela imprensa no século XIX consistia na dificuldade de acesso a papel de alta qualidade. Além da limitada oferta disponível no mercado, havia também escassez do produto em geral. O papel superior, não era facilmente encontrado, obrigando frequentemente os proprietários dessas publicações a providenciarem sua importação por conta própria, procedimento que nem sempre ocorria de maneira satisfatória, pois havia um atraso

grande na entrega, devido a distância de São Luís para regiões como o Rio de Janeiro que exportava papel.¹⁷

4.3 A Revista Elegante, moda, sociedade e visão empresarial

A Revista Elegante correspondia a um periódico quinzenal da Alfaiataria Teixeira, uma grande empresa do ramo de vestimenta masculina presente em São Luís, situado à Praça João Lisboa, nº4, estava situada em uma das áreas de maior movimentação do comércio na cidade, que teve grande valorização e crescimento pois tinha sua própria tipografia a vapor, o que facilitou a impressão das edições para seus assinantes e clientes no interior e exterior do Estado.

A revista Elegante tinha como objetivo, no que se refere ao público masculino, transmitir conhecimento das indumentárias finas, fazer anúncios das últimas tendências da Europa, seja de tecidos, cortes, paletós, gravatas e sapatos, e de como se comportar um homem da alta sociedade maranhense, inspirado na sociedade francesa. Portanto, a imprensa alinhada a essa inspiração burguesa, exerce um impacto significativo na sociedade, atuando como um ponto crucial na construção cultural dos clientes da alfaiataria.

O periódico funcionava como fonte de divulgação de seus produtos, sortimentos recém-chegados da Europa, além de propagandas de perfumes bálsamos para barba, sapatos, bengalas, máquinas de costura e móveis. Sua circulação na sociedade maranhense tinha como intenção propagar a arte moderna e o conceito de belo para os homens, com uma tendência virtuosa e delicada na questão de tratar os temas principais do conteúdo da revista; sendo estes os principais e sempre presentes em colunas como: Breve Apresentação da edição da revista pelo Gerente Gaspar Pinto Teixeira, geralmente com reflexões sobre a moda; comportamento e a política atual do Brasil; pequenas colunas dispostas sobre reclames de novos sortimentos recém-chegados na alfaiataria, em sua maioria despachados da Europa, colunas literárias dos editores e redatores; charadas; anedotas, pequenas correspondências entre leitores, uma forma direta de se

¹⁷ Segundo Silva (2019), a imprensa nacional no século XIX contou, em determinado período, com a atuação da Fábrica de Orianda, instalada em 1852 na cidade de Petrópolis (RJ) pelo Barão de Capanema. Essa unidade foi responsável por fornecer papel a importantes jornais da época, como o Diário do Rio de Janeiro, o Correio da Tarde e o Correio Mercantil.

comunicar com os redatores da revista; pensamentos, datas de aniversários dos considerados grandes nomes da sociedade maranhense como médicos, barões e familiares e amigos dos irmãos Teixeira.

Complementa o entendimento, o estudo de Fonseca (1996, p.12): quando diz que:

Dependendo do lugar e do tempo nos quais estes homens e mulheres estão inseridos essas formas de identificar se modificam, são readaptadas a fim de adequarem-se às necessidades do convívio social. Para a sociedade elitista do referido período não foi diferente, pois [...] com a formação de uma camada social burguesa que passa a compor o poder com os senhores territoriais e o consequente desenvolvimento da vida urbana se estabelece o contexto da sociedade oficial, que se esmerava na imitação dos valores sociais e culturais importados da Europa.

Durante o século XIX, os jornais desempenharam um papel crucial na divulgação de regras sociais, na formação de hábitos e na disseminação de valores em meio à efervescência urbana da época. Essas publicações eram um veículo fundamental para as dinâmicas e táticas empregadas no comportamento e das percepções da sociedade.

As ilustrações estavam em alta no Brasil pela consequência de novas tecnologias industriais, como no caso da Revista Elegante, contar com sua própria tipografia, facilitava essas impressões nos periódicos. Possuir uma tipografia exclusiva representava uma vantagem estratégica significativa para a revista, pois essa infraestrutura facilitava e agilizava a produção e a inserção de imagens nas edições. A oportunidade de dar uma prévia, mostrando na revista os seus produtos, “sobre todo o gênero de gravura, oferece esta nova indústria a vantagem de ser a cópia fiel do que se pretende produzir”.¹⁸

Pode-se ver que uma melhora na qualidade dessas imagens nas edições dos anos de 1900, já era uma forma de impulsionar a venda de produtos, mostrar o que havia disponível no Armazém Teixeira, permitindo que os leitores tivessem contato com o que se oferecia, estimulando o desejo de consumo e direcionando o público para a loja. Dessa forma, as ilustrações nos periódicos já se fortaleciam como um elemento estético de característica da revista. Santiago (2013, p.4) relata que:

O advento da fotografia e, posteriormente, da impressão de imagens, incide de maneira impactante na cultura visual do século XIX. As novas tecnologias, adaptadas

¹⁸ Revista *Elegante*, Maranhão – janeiro a junho de 1906, nº 110, Anno XI

aos novos tempos, modificam o olhar que as pessoas têm sobre o mundo em que vivem. As revistas ilustradas surgem no mercado editorial atendendo às demandas crescentes pelo estímulo visual.

A menção às revistas ilustradas como uma resposta à "demandas crescentes por um estímulo visual" é relevante, mostrando como esse mercado editorial soube capitalizar sobre essa nova forma de percepção.

Figura 2- Suplemento da Revista Elegante



Fonte: Revista Elegante, Maranhão, 30 de junho de 1892, nº 4, Ano I.

Na ilustração acima, (figura 2) podemos explorar, segundo o editor, um suplemento especial, nas atualizações da moda de Paris, reforçando a importância da cidade e sua importância como a modernização, civilizatória e fascinante. A forma da literatura de poesia, com foco em vestimentas, nos faz refletir sobre a forma culta e idealizadora de pensamento desses homens. A República Argentina é mencionada como sendo uma influenciada a ter uma inclinação ao “mundo chique.”

É notável também na pequena coluna “Expediente” sobre o dia 28 de julho em que o Maranhão comemora o feriado estadual da sua adesão à Independência do Brasil, celebra o patriotismo brasileiro, acerca de um convite, do Jornal o Diário

do Maranhão¹⁹, fundado em 1855, para participar de projetos de festejos para o dia da independência, ressaltando que os debates da revista iam além da moda e sugeriam uma discussão sobre questões políticas. A intelectualidade da época, se autodefinia como capaz de definir os rumos para o país, de direcionar de forma produtiva as energias da nação e de orientar a condução dos assuntos públicos.

Vejamos o anúncio abaixo:

Figura 3 -Anúncio na Revista Elegante

ATELIERS DE TYPOGRAVURA

Secção de Autotypia, Zinco-graphia e Chromotypographia

Sobre todo o genero de gravura offerece esta nova industria a vantagem de ser a copia fiel do que se pretende reproduzir.

Reproduções de photographias, gravuras, autographias, quadros a oleo e todo o genero de illustrações.

Secção de Typographyia

Executa-se nesta secção, montada com as machinas mais aperfeiçoadas da America, França e Allemanha, movidas a vapor, todo e qualquer trabalho typographico, entre elles, —mappas, facturas, contas, codigos, cartas, jennaes, cartões de visita e commerciaes, conhecimentos, despachos, diplomas, avisos, reclamos, rotulos e preços-correntes.

Existe, para estes diversos trabalhos, um grande deposito de papeis, importação directa de diversas fabricas da America do Norte, França, Allemanha e Italia.

Secção de Encadernação

Na nesta secção o material necessario para todo o genero de encadernações.

Fabrica de carimbos de borracha

Preparam-se nesta secção carimbos de borracha pelos processos mais modernos, especializando-se OS CARIMBOS COM DATAS E OS CARIMBOS EM FAC-SIMILE.

Secção de Papelaria

Nesta secção, montada recentemente, existem artigos proprios para escriptorio, especializando-se tinteiros de prata proprios para minas, tinteiros de cristal e de vidro, simples e com pneumáticos, borrachas, grampos, recusas, canetas, lapis, borrachas, penas, moladores para sellos e dinheiros, deposito para gomma arabica, registradores, copiadores, espátulas, raspadeiras, limpa-penas, mata-borrão, pinças, tinta preta, fixa e communicativa, tinta de cor, tympanos, pastas para cima de mesa, e para parede, de papelão e de madeira, lacre e lapiselinas.

Entre outros artigos proprios desta secção notam-se pillos perfumados, porta cartões de prata, artigos photographicos, albumes para retratos e cartões postaes, caixas com tintas de aquarella para estudantes, albumes para pinturas em aquarelle, artigos para desenhistas, binoculos, livros de mesa, papeis de fantasia e de luxo, carteiras para dinheiro e para fumo, estojes com necessarios para toilette, apparellhos para V. U. e thesours.

Imperio de cartões postaes de fantasia e vistas do Estado.

A REVISTA DO NORTE

Mensario illustrado e litterario, unico neste genero no Norte do Paiz.

Remette-se, como specimen, um numero gratis a quem pedir.

Fonte: Revista Elegante, Maranhão – janeiro a junho de 1906, Nº 110, Ano XI.

Nesta seção da revista no século XX, (Figura 3), o leitor encontrará uma listagem, organizada em ordem alfabética, que informa dos produtos disponíveis nas três unidades da loja. Para garantir que tanto os assinantes fiéis quanto os clientes de costume, especialmente aqueles que não possuam a possibilidade de frequentar o armazém, possam ter acesso completo ao catálogo de itens à venda. Além de informar sobre o estoque, a lista também serve como um guia para os lançamentos, tendências e as novidades que chegavam ao armazém.

¹⁹ O jornal participava ativamente do universo político e econômico local, informando e influenciando a elite mercantil da província. fazia parte de um conjunto de veículos que se pode chamar, conforme Martins (2006), de grande imprensa em São Luís, constituído pelos seguintes jornais: O Federalista, O Imparcial, O Combate, A Hora, O Jornal, A Pacotilha.

A segunda “Secção de *Typographia*”, dedicada, sobre a tecnologia empregada em suas máquinas de tipografia. O objetivo é informar o leitor sobre o quanto é avançada e moderna é essa tecnologia, destacando que se trata de máquinas importadas. Essa origem internacional nos indica a qualidade superior e da modernidade dos equipamentos.

A terceira seção, há um informativo sobre a disponibilidade de encadernação de documento, a quarta sessão divulga “completa e bem montada fábrica de carimbos de borracha, especialidade em carimbos com datas, que se compõem de qualquer firma, mês e ano. São estes carimbos muito usados pelas casas comerciais e repartições públicas.”²⁰

A última sessão destaca a possibilidade de se poder ganhar um exemplar como amostra uma edição da Revista do Norte “Mensário ilustrado e literário, único neste gênero no norte do País”²¹

A história da revista ilustrada pode ser dividida em fases e é marcada por diferentes tipos e processos de ilustração que estão diretamente relacionados aos recursos técnicos e gráficos de reprodução de imagem disponíveis em cada época. (Martins, 2008). Considerando a realidade local, a tipografia Teixeira possuía mais recursos e linearidade na construção e inovação de seu material, “A capital São Luís, que durante o período de 1840-1880 fora reconhecida nacionalmente como um importante e desenvolvido parque tipográfico” [...] (Hallewell, 2005, p.170 apud Silva & Junior, 2029 p. 186). Mas contou com seu declínio devido à concorrência no setor gráfico.

Sob a perspectiva empresarial, a Revista Elegante é exemplo de como a comunicação na moda pode ser explorada de maneira estratégica. A publicação assume um papel de protagonismo na construção de marcas, lançando tendências e fortalecendo o *branding* de empresas e estilistas. Sua atuação editorial é, portanto, também uma ação mercadológica: ao destacar produtos, valores e experiências, a revista promove a economia criativa e estimula o consumo consciente, mantendo-se alinhada às práticas de *marketing* contemporâneo.

A crescente utilização de imagens impressas acompanhadas de texto nas revistas ilustradas contribuiu para a transformação e ampliação de uma nova

²⁰ Revista Elegante, Ano XI, Maranhão – janeiro a junho de 1906, n.110

²¹ Revista Elegante, Ano XI, Maranhão – janeiro a junho de 1906, n.110

maneira de perceber e interpretar as informações na época, favorecendo o surgimento de uma nova cultura visual. A tipografia Teixeira fez um trabalho importante com a reprodução de fotografias impressa nos produtos na revista, visto que foi o primeiro a trazer essa técnica para São Luís e no Brasil, uma incorporação de imagens aos métodos tipográficos. Esse modo ficou mais interessante divulgar as indumentárias à venda, de uma forma muito mais atrativa. Observaremos a (Figura 4):

Figura 4- Anúncio de produtos.



Fonte: Revista Elegante, janeiro a junho 1906, nº 110, Ano XI.

Aprofundaremos nossa investigação, voltando o olhar especificamente para a moda masculina e explorando com os temas já abordados. Analisaremos as especificidades do vestuário masculino em São Luís e no Maranhão, considerando como o contexto histórico da modernização da cidade, impulsionada pela industrialização e pela ascensão da burguesia, e a influência da imprensa, notadamente a Revista Elegante, moldaram as identidades e as expressões através da moda. Conclui-se que o período analisado foi marcado por profundas transformações na produção e consumo de informações, moldando cultura visual e as interações sociais em São Luís e no Maranhão.

5. A MODA MASCULINA COMO EXPRESSÃO CULTURAL

A moda é uma manifestação cultural complexa que ultrapassa o simples ato de vestir. Trata-se de um fenômeno social, histórico e simbólico que comunica identidades, valores e hierarquias, sobretudo em contextos urbanos em processo de modernização. A moda masculina, por muito tempo invisibilizada nos estudos de cultura material, revela-se essencial para a compreensão das dinâmicas sociais, especialmente em momentos de transformação histórica, como ocorreu em São Luís entre os anos de 1892 e 1905, período em que circulava a Revista Elegante.

A moda, segundo Debom (2022, p.16),

não pode ser reduzida a um modismo passageiro, mas deve ser compreendida como uma construção histórica que articula aparência, comportamento e visão de mundo. Sua gênese, marcada por uma busca constante pela novidade, confere-lhe um papel crucial na afirmação de subjetividades e distinções sociais.

Essa visão encontra eco em Brandini (2009), ao analisar a moda como uma linguagem comunicacional, fruto da modernidade industrial do século XIX, que reorganiza os códigos visuais e simbólicos das metrópoles emergentes. Tal abordagem é pertinente ao caso de São Luís, cuja elite buscava se alinhar aos padrões europeus, especialmente os franceses, utilizando o vestuário como marcador de status e pertencimento (Gouveia Neto, 2008).

No contexto da Belle Époque ludovicense, a moda masculina tornava-se veículo de expressão do ideal moderno, sendo mediada por publicações como a Revista Elegante, que difundia padrões de elegância e civilidade. Conforme apontam Aucar, Bon e Siciliano (2021), os periódicos ilustrados da época não apenas refletiam tendências, mas atuavam como agentes formadores de gosto e comportamento, contribuindo para a construção de identidades masculinas burguesas no Brasil urbano do Segundo Reinado e da Primeira República.

A construção da masculinidade passava por mudanças significativas nesse período. A ostentação que marcava o traje masculino aristocrático até o século XVIII

foi substituída por uma elegância discreta, voltada à racionalidade, sobriedade e funcionalidade. Essa transformação, conforme Schemes et al. (2009), resulta da influência da Revolução Francesa e da consolidação do capitalismo industrial, que redefiniram o ideal masculino como trabalhador, disciplinado e reservado. No entanto, mesmo com a simplicidade formal dos ternos e casacas, os códigos de vestimenta continuavam a operar distinções simbólicas de classe, raça e poder.

Em São Luís, o uso do vestuário como elemento regulador da ordem urbana é evidenciado nas disposições dos Códigos de Posturas Municipais de 1866 e 1892, que não apenas normatizavam a higiene e o comportamento nas vias públicas, mas também revelavam um esforço institucional de moldar os corpos e aparências aos padrões “civilizados” (Gouveia Neto, 2008).

Isso porque a cidade vai estar mergulhada por uma grave crise econômica, em parte pela queda dos preços do algodão, em parte pela conjuntura mesmo do final do século XIX que cada vez mais desenhava a necessidade da abolição da escravatura, sustento deste progresso material e cultural. A importância de percebermos esta decadência é devido a crise econômica agravar a situação de “desordem” entre a população e no ambiente da cidade, a despeito de todo o esforço de contê-la para enquadrar São Luís nos moldes exigidos pela civilização e pelo progresso. (Alina Silva, 2007, p. 65).

Tais códigos funcionavam como instrumentos de disciplinamento social, evidenciando o entrelaçamento entre moda, moralidade e política.

O consumo de moda, especialmente entre os homens urbanos, ganha relevo na análise de Barros (2009), que destaca como o vestuário masculino foi ressignificado no bojo da modernidade. A banalização do luxo e o deslocamento dos signos de poder para a sobriedade dos trajes alinhados marcaram um novo código de distinção que se manifestava não mais pelo excesso, mas pela adequação ao modelo europeu moderno, o qual influenciava diretamente as elites provincianas brasileiras.

Nesse sentido, é possível compreender o vestuário masculino como uma narrativa de pertencimento e exclusão. Ao seguir os padrões difundidos pela imprensa de moda, os homens buscavam inscrever-se em um ideal de masculinidade civilizada e moderna, ainda que as condições urbanas, econômicas e raciais da São Luís novecentista revelassem múltiplas tensões e contradições. A moda, portanto, operava como campo de disputa simbólica e de projeção identitária, articulando-se com as transformações políticas, econômicas e culturais da cidade.

A moda masculina, no contexto estudado, revela-se expressão cultural profunda, que comunica valores sociais, tensiona identidades e inscreve os sujeitos em tramas mais amplas de poder e distinção. Sua análise permite entrever os modos pelos quais os homens ludovicenses do final do século XIX e início do XX negociavam seus lugares na modernidade e projetavam-se enquanto cidadãos de um Brasil em transformação.

5.1 Conceito de moda no século XIX e início do século XX

O século XIX marca um ponto de inflexão fundamental na concepção da moda como fenômeno cultural, social e econômico. Ao contrário de épocas anteriores, em que o vestuário era em grande parte regulado por convenções aristocráticas e leis suntuárias, com transformações relativamente lentas e restritas às elites, a moda do século XIX emerge como sistema dinâmico, urbano e profundamente ligado à modernidade e ao consumo. Nesse período, ela consolida seu caráter efêmero, mutável e cíclico, tornando-se não apenas uma forma de vestir, mas uma linguagem simbólica capaz de expressar identidades, pertencimentos e hierarquias sociais (Debom, 2022).

O conceito de moda no século XIX e no início do século XX está intrinsecamente ligado às transformações socioculturais, econômicas e tecnológicas que marcaram esse período. A moda masculina, em especial, começou a se consolidar como linguagem simbólica de distinção social e cultural, refletindo as hierarquias e os valores dominantes da modernidade burguesa. Durante o século XIX, com a Revolução Industrial e o crescimento das cidades, houve uma crescente padronização do vestuário masculino, notadamente influenciada pela estética sóbria do dândi e do gentleman inglês, caracterizada por cortes retos, cores escuras e ênfase na sobriedade e funcionalidade (Gonçalves; Souza, 2021).

Segundo Valéria Brandini (2009, p.77), a moda:

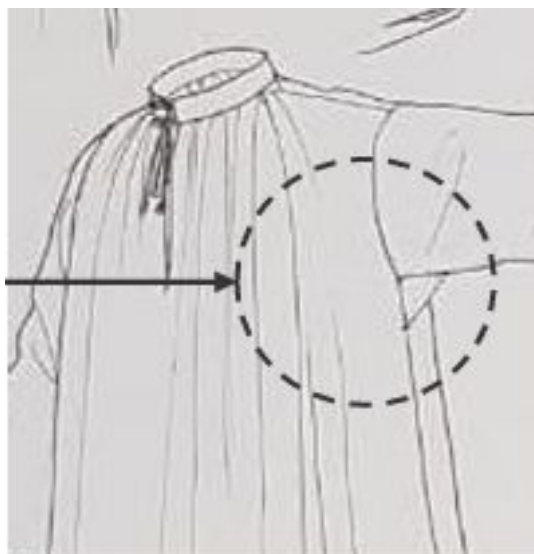
se transforma, no contexto da modernidade industrial, em um “corpus comunicacional” que representa e comunica as novas estruturas socioculturais em formação. O processo de urbanização e industrialização produziu novos sujeitos e novas formas de se apresentar no espaço público, e a moda passa a ser um mecanismo essencial na representação desses sujeitos modernos.

As grandes cidades europeias — em especial Paris e Londres — se tornaram centros irradiadores das tendências e comportamentos, inclusive para as elites das províncias brasileiras, como é o caso de São Luís do Maranhão, onde se observa o esforço da elite em adotar modelos estrangeiros como forma de distinção (Gouveia Neto, 2008).

Essa transição é destacada por Schemes, Araújo e Andrade (2009), que explicam que a moda masculina, até o século XVIII, era caracterizada pela ostentação, com cores vivas, tecidos nobres e adereços que sinalizavam status. A partir do século XIX, porém, o vestuário masculino passa a assumir uma estética mais sóbria, condizente com o ideário burguês de racionalidade, eficiência e discrição. Esse movimento é o que Norbert Elias denominou como “processo civilizador” e que se reflete diretamente na indumentária. As roupas deixam de ser apenas ornamentais e passam a desempenhar papéis simbólicos e comportamentais, sobretudo nas esferas públicas da vida moderna.

Nota-se que um grande exemplo desta transição resta demonstrado na figura abaixo, e que se evidencia um taco que corresponde a um pequeno triângulo abaixo das mangas, típico do século XIX, quando a cava das camisas sofre modificações, assumindo um modelo curvo. Tal fato é comprovado por estudos realizados em camisas do final do século XIX como é o caso do trabalho de Waugh (1964),veremos a (Figura 5)

Figura 5 -Ilustração de camisa básica masculina do século XVI a XIX



Fonte: Oliveira, (2021)

Esse processo de racionalização da indumentária masculina, que se intensificou durante o século XIX, esteve alinhado à valorização da razão, da disciplina e da moral protestante, em contraste com o excesso decorativo que marcava os trajes aristocráticos do período anterior. A moda passou a ser um instrumento de construção de uma masculinidade associada ao trabalho, à seriedade e ao autocontrole. Conforme observa Lopes (2022), essa nova estética masculina não apenas acompanhava as transformações sociais da modernidade, mas também reforçava os valores da ordem patriarcal, promovendo uma diferenciação clara entre os papéis de gênero por meio do vestuário.

A partir do final do século XIX, com o advento da imprensa periódica especializada, como é o caso da Revista Elegante, publicada em São Luís entre 1892 e 1905, a moda começou a se popularizar como linguagem e prática cultural entre os homens das elites e das classes médias urbanas. A revista não apenas divulgava as tendências parisienses, mas também adaptava os códigos estéticos da moda europeia ao contexto local, funcionando como um canal de mediação entre o global e o regional (Silva; Pereira, 2023). Este movimento reflete o processo de “globalização” da moda, no qual elementos internacionais são reinterpretados segundo os valores e as condições de cada sociedade.

O vestuário masculino, portanto, sofre uma transformação significativa. De acordo com Oliveira (2021, p.160)

A camisa, o fraque, a cartola e a bengala não eram apenas objetos funcionais, mas instrumentos de distinção, disciplina e comunicação visual. Ao analisar a evolução da camisa masculina entre os séculos XVI e XIX, esse item deixa de ser apenas uma peça íntima e passa a ser uma das principais expressões de status e civilidade no vestuário do homem moderno, especialmente no século XIX.

A noção de moda nesse contexto também deve ser compreendida em sua articulação com o consumo. Para Aucar, Bon e Siciliano (2021), os periódicos ilustrados de moda do Segundo Reinado e da Primeira República desempenharam papel crucial na construção de uma cultura de consumo no Brasil urbano. Através das revistas como O Novo Correio das Modas, A Estação e, posteriormente, a Revista Elegante, difundiram-se normas de bom gosto, padrões de vestimenta e comportamentos esperados, atuando como manuais simbólicos de civilidade. Tais

impressos contribuíram para consolidar a moda como fenômeno moderno e integrador, mesmo que seletivo, reforçando distinções de classe, raça e gênero.

Nesse sentido, a moda no final do século XIX e início do XX deve ser compreendida como fenômeno social total, conforme o conceito de Marcel Mauss. Ela ultrapassa o âmbito do vestuário, envolvendo práticas discursivas, subjetividades, regimes de visibilidade e estratégias de poder. No Brasil, esse processo se dá de forma desigual, com forte influência das metrópoles europeias, mas mediado pelas especificidades locais. Como afirma Perrot (1981), o vestir é sempre um ato de significação: revela pertencças, desejos e, sobretudo, diferenciações. Assim, no caso das elites ludovicenses, seguir a moda europeia não era apenas uma escolha estética, mas um gesto político de adesão simbólica ao ideário civilizatório.

Além disso, o início do século XX trouxe novos elementos à moda masculina, com o surgimento de uma indústria de consumo cada vez mais voltada para o indivíduo urbano moderno. O vestuário passou a desempenhar papel central na afirmação da identidade e da posição social, tornando-se, nas palavras de Lipovetsky (2020, p.77), uma forma de “comunicação silenciosa capaz de expressar valores, status e aspirações”.

Essa perspectiva é corroborada por estudiosos como Prado e Oliveira (2024), que analisam a moda como uma prática discursiva que constrói e reproduz significados sociais, especialmente no que se refere às noções de masculinidade, civilidade e progresso.

Portanto, o conceito de moda no século XIX e no início do XX deve ser compreendido como uma manifestação cultural complexa, permeada por valores ideológicos, simbólicos e econômicos. A moda masculina desse período, especialmente no contexto de cidades como São Luís, revela muito mais do que tendências estéticas: ela materializa tensões sociais, aspirações de modernidade e disputas simbólicas por pertencimento e distinção. A análise da Revista Elegante, nesse sentido, constitui uma fonte valiosa para compreender as nuances da construção de identidades masculinas por meio do vestuário, articulando práticas locais e imaginários globais (Freitas; Moura, 2025).

Nessa linha de raciocínio, a moda no século XIX e início do século XX adquire contornos que a tornam peça-chave para a compreensão das transformações sociais, culturais e econômicas da modernidade. Ela se constitui como um

dispositivo de poder e um campo de produção de subjetividades, sendo ao mesmo tempo reflexo e motor das mudanças nas estruturas sociais urbanas e burguesas. Através da roupa, narram-se projetos de mundo, de corpo e de nação — e esse processo está claramente presente na São Luís que buscava modernizar-se através dos códigos do vestir, especialmente nos modelos propagados pela Revista Elegante.

5.2 Moda, masculinidade e identidade social

A relação entre moda, masculinidade e identidade social é historicamente constituída por mecanismos de representação e distinção que atravessam os sujeitos e os corpos, operando como elementos fundamentais na formação de papéis sociais e hierarquias de poder. No século XIX e início do século XX, a moda masculina deixou de ser apenas uma manifestação estética e tornou-se um instrumento simbólico de diferenciação e pertencimento. Nesse contexto, a forma como os homens se vestiam era indissociável das expectativas sociais sobre o que era ser homem, civilizado, trabalhador e respeitável na modernidade burguesa.

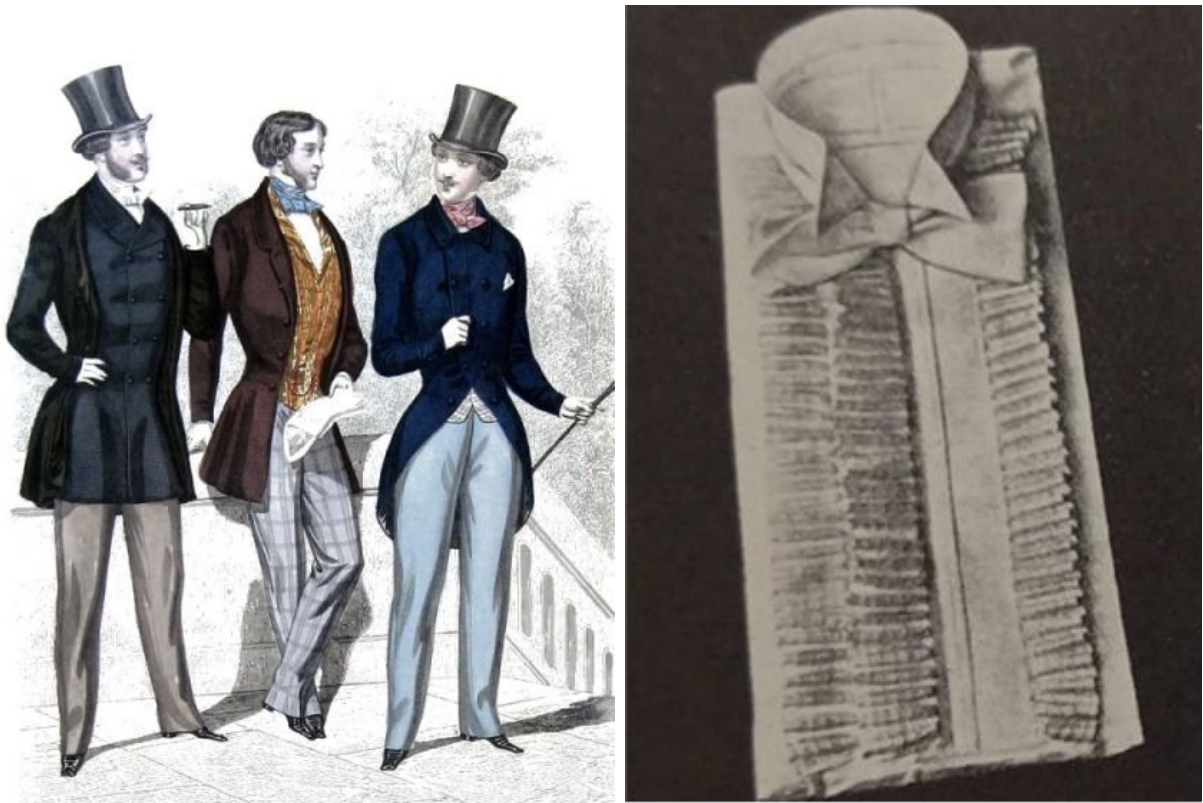
Sobreleva que a moda masculina passou por profundas transformações, muitas das quais vinculadas à redefinição dos papéis sociais de gênero e à constituição de uma nova sensibilidade masculina, mais racional, reservada e associada à lógica do trabalho, da razão e da moralidade burguesa (Gonçalves; Lima, 2021). Esse novo modelo de masculinidade — conhecido como hegemonicamente burguês — encontrou na indumentária um canal privilegiado de expressão, utilizando o vestuário como mecanismo de distinção e controle social.

A sobriedade e funcionalidade do traje masculino moderno, frequentemente representado pelo terno escuro, pelo paletó bem cortado e pela gravata discreta, são elementos que simbolizam não apenas o autocontrole do homem moderno, mas também sua posição social. A moda, nesse contexto, torna-se um instrumento de performatividade de gênero, por meio do qual os indivíduos reiteram normas sociais e constroem identidades reconhecíveis dentro de sistemas simbólicos compartilhados (Ferreira; Costa, 2022). O vestir masculino, portanto, vai além da funcionalidade; ele é carregado de significados sociais e morais que comunicam status, valores e pertencimento a determinados grupos sociais.

Essas transformações estão intimamente ligadas ao processo de construção das masculinidades hegemônicas do período. Como observam Aucar, Bon e Siciliano (2021), os impressos de moda urbana não apenas ditavam tendências, mas também instruíam os homens sobre como se portar, vestir e ocupar os espaços públicos. A masculinidade era performada, entre outras formas, por meio da escolha do tecido, da gravata correta, da forma de dobrar o lenço no bolso ou da altura adequada da cartola. A moda era, portanto, um campo de produção de subjetividades masculinas que articulava códigos sociais, estéticos e morais.

Oliveira (2021) demonstra, em sua análise sobre a camisa masculina nos séculos XVI a XIX, como essa peça assumiu papel central na composição da imagem masculina moderna. Longe de ser neutra, a camisa articulava-se com outros elementos do traje – como o colarinho engomado e o colete justo – para produzir uma aparência respeitável, disciplinada e masculina. O corpo masculino era, assim, enquadrado por normas visuais e gestuais que reforçavam sua adequação ao mundo burguês, conforme ilustra a imagem abaixo.

Figura 6- (a) Traje masculino para eventos a noite e (b) camisa para noite, colarinho e gravata



Fonte: Oliveira, (2021)

Os trajes representados na imagem são diretamente associados aos cortes europeus da era romântica e ao ideal do "gentleman" que serviram de modelo para os homens das elites brasileiras e maranhenses. Segundo Brandini (2009), a moda na modernidade industrial passou a exercer a função de comunicar estruturas de poder, status e valores morais. Com o surgimento da figura do homem burguês urbano, a sobriedade passou a ser valorizada em detrimento da ostentação. O vestuário masculino tornou-se mais padronizado e funcional, refletindo os ideais de racionalidade e produtividade que estruturavam a ética capitalista emergente. Nesse novo arranjo, a moda não perdeu sua força simbólica: ela apenas alterou sua linguagem. As roupas masculinas deixaram de ser marcadas por exuberância e passaram a expressar distinção por meio da discrição e do ajuste corporal (Schemes et al., 2009).

No Brasil, esse cenário se refletia com particular intensidade nos centros urbanos em modernização, como São Luís do Maranhão. Como mostra Gouveia Neto (2008, p.11), a elite ludovicense:

buscava impor padrões de comportamento e aparência inspirados nos modelos franceses, especialmente através da disseminação de ideais de civilidade e progresso. A moda masculina, nesse contexto, era uma ferramenta de distinção entre os que estavam aptos a integrar a ordem moderna e os que permaneciam à margem. O uso correto do fraque, da bengala e da cartola era visto como marca de respeito e pertencimento à elite letrada e branca.

Ademais, especificamente em São Luís do Maranhão, esse processo foi mediado por canais culturais locais, como a imprensa de moda e as revistas ilustradas, entre as quais se destaca a Revista Elegante. Publicada entre 1892 e 1905, essa revista foi uma das responsáveis por introduzir códigos estéticos internacionais ao universo masculino local, adaptando as referências europeias ao contexto cultural maranhense. Conforme demonstram os estudos de Silva e Albuquerque (2023), a Revista Elegante não apenas retratava as tendências da moda masculina como também prescrevia comportamentos esperados dos homens de “boas maneiras”, contribuindo para a consolidação de uma identidade masculina urbana e moderna em sintonia com os ideais civilizatórios da época.

Além disso, a moda masculina atuava como um marcador de classe e raça, já que o acesso ao vestuário alinhado às tendências europeias era limitado às elites urbanas e à classe média emergente. Assim, o modo de vestir tornava-se um

símbolo de pertencimento ao projeto de modernidade eurocentrado, ao passo que a exclusão estética dos setores populares reforçava as hierarquias raciais e sociais. De acordo com Rocha e Martins (2024), a masculinidade burguesa construída por meio da moda era fundamentalmente branca, letrada e ocidentalizada, constituindo-se como um padrão ideal a ser almejado e imitado, mas ao mesmo tempo excludente e seletivo.

Ademais, a moda masculina também funcionava como marcador de classe, raça e sexualidade. Como destacam Schemes et al. (2009), os códigos do vestir não eram universais, mas sim profundamente excludentes. Os homens negros, pobres ou pertencentes às camadas populares frequentemente eram associados à desordem, ao excesso ou à inadequação, ainda que buscassem se alinhar às normas dominantes. O acesso ao vestuário “correto” era limitado não apenas economicamente, mas simbolicamente, o que revela como a moda operava como tecnologia de exclusão social.

Perrot (1981, p. 44) destaca que:

a roupa consagra e torna visíveis as clivagens sociais, funcionando como um sistema de signos sustentado por instituições e discursos. Essa afirmação permanece atual: a moda masculina entre o final do século XIX e o início do século XX pode ser lida como um espelho das tensões sociais do período – entre tradição e modernidade, entre civilidade e barbárie, entre centro e periferia.

A construção social da masculinidade, nesse sentido, não pode ser dissociada do aparato simbólico oferecido pela moda. Conforme argumenta Prado (2025), a vestimenta masculina não apenas expressa uma identidade, mas participa ativamente de sua constituição, produzindo significados que legitimam ou contestam determinados modos de ser homem. A moda, ao mesmo tempo em que padroniza comportamentos e aparências, também oferece brechas para resistência e reinvenção, ainda que, no final do século XIX e início do século XX, essas possibilidades estivessem mais restritas no universo masculino.

Desse modo, a moda masculina no período de 1892 a 1905, especialmente no contexto de São Luís, deve ser compreendida como uma ferramenta estratégica na construção da masculinidade e das identidades sociais. Ela operava como um sistema de signos por meio do qual os sujeitos negociavam sua posição social, sua conformidade com os ideais de modernidade e sua inserção em redes simbólicas de

poder e prestígio. A análise do vestuário masculino, portanto, permite revelar as camadas ideológicas que sustentavam a construção da masculinidade hegemônica da época e iluminar os mecanismos sutis de exclusão e diferenciação social promovidos por meio da aparência (Santos; Monteiro, 2020).

Portanto, compreender a moda masculina nesse recorte temporal implica reconhecer sua função central na construção da identidade social masculina. Ela não apenas refletia os valores da sociedade moderna, mas também os estruturava, moldando corpos, comportamentos e subjetividades. Na São Luís da *Revista Elegante*, o vestuário masculino não era apenas uma escolha estética, mas um ato político e social, um gesto de pertencimento ou resistência diante das normas de um mundo em transformação.

5.3 A influência europeia no vestuário masculino brasileiro e maranhense

O vestuário masculino brasileiro, especialmente entre o final do século XIX e o início do século XX, foi fortemente marcado pela influência dos modelos europeus, em especial os franceses e britânicos. Essa relação de inspiração e apropriação reflete não apenas uma questão estética, mas um processo mais profundo de assimilação cultural, no qual as elites urbanas brasileiras buscavam se inserir nos padrões de civilidade e modernidade vigentes nas metrópoles europeias. A indumentária, nesse contexto, era compreendida como uma ferramenta de legitimação social e distinção simbólica.

Em São Luís do Maranhão, esse processo se manifestou de forma marcante por meio de veículos como a *Revista Elegante*, publicada entre 1892 e 1905. Essa revista foi responsável por divulgar as tendências de moda masculina que vinham de Paris e Londres, adaptando-as à realidade da elite maranhense e construindo um ideal de homem moderno e urbano alinhado aos padrões europeus (Silva; Corrêa, 2024). A própria linguagem visual da publicação, assim como os editoriais e as ilustrações, reforçavam uma estética eurocentrada, promovendo o consumo aspiracional e a ideia de que o progresso social estava diretamente associado à aparência refinada e ao vestuário correto. Tal cenário, poderá ser vislumbrado na figura abaixo.

Figura 7- Anúncio de vestuário masculino e acessórios na Revista Elegante(1906)

Revista Elegante

Lavatórios
COM E SEM ESPELHOS.
COM E SEM APARELHOS DE LOUÇA
—ARMAZENS TEIXEIRA—
Secção de máquinas e móveis

Chapeus de palha
COPA ALTA E ABAS ESTREITAS
Padrões diferentes, de
8.000 a 12.000
Armazéns Teixeira
SECÇÃO DE MODAS

Meias
de tecido de seda, fio da
Escócia e de algodão
Grande depósito deste arti-
go nos
Armazéns Teixeira
SECÇÃO DE MODAS

Chapeus de pello
DE «CHRISTY'S»
ARMAZENS TEIXEIRA
Secção de máquinas e móveis

1 fato completo
DE
CASACA, COLLETE E
CALÇA DE CASIMIRA
DE LÃ PURA
Sob medida
ARMAZENS TEIXEIRA
Secção de alfaiataria

Fonte: Revista Elegante. Maranhão: Typographura Teixeira, Ano XI, nº 110, jan.-jun. 1906.

A análise do anúncio publicitário veiculado na Revista Elegante revela importantes aspectos relacionados ao vestuário masculino e à construção da identidade das elites urbanas ludovicenses no final do século XIX e início do século XX. Trata-se de uma peça publicitária que promove os produtos da Typographura e Armazéns Teixeira, voltados exclusivamente para o público masculino, e que, ao mesmo tempo, funciona como um documento histórico que expressa valores culturais, sociais e econômicos daquele período.

A imagem em questão apresenta uma diversidade de elementos relacionados ao vestuário formal masculino, tais como chapéus de feltro e de palha, meias de tecido nobre (como fio escócia), lavatórios com espelhos e aparelhos de louça — que remetem ao cuidado com a higiene pessoal — e, sobretudo, o denominado “fato completo”, composto por casaca, colete e calça de casimira de lã pura, confeccionado sob medida. Esses itens não apenas compõem o guarda-roupa masculino da época, como também são marcadores simbólicos de status social, civilidade e pertencimento a uma elite cultural que buscava se alinhar aos padrões europeus de vestuário e comportamento. A referência explícita ao tecido de qualidade (como a casimira inglesa) e à fabricação sob medida reforça a distinção de classe e o desejo de emular os hábitos de consumo da burguesia europeia.

Além disso, o anúncio evidencia uma clara segmentação no consumo direcionado ao homem urbano da época, sinalizando a existência de uma demanda específica e sofisticada por produtos voltados à moda masculina. Esse dado é significativo porque demonstra que o universo da elegância e da vaidade, frequentemente associado ao feminino, também era cultivado e publicamente estimulado no universo masculino, ainda que dentro de um molde de sobriedade, requinte e racionalidade típicos do ideal de masculinidade do período. Assim, o consumo do vestuário masculino ultrapassava a simples funcionalidade das peças e se conectava com a construção de uma identidade social baseada na aparência e no capital simbólico.

Outro aspecto relevante diz respeito à associação entre os produtos anunciados e certos valores culturais que constituíam o ideal de homem civilizado: a ênfase na higiene pessoal, no cuidado com o corpo e na apresentação refinada. Tais valores estavam intimamente ligados à ideia de progresso, urbanidade e distinção, compondo uma imagem de masculinidade que privilegiava a elegância, o autocontrole e a inserção em circuitos sociais refinados. A estética da propaganda reforça esse ideal: a tipografia ornamentada, os desenhos detalhados e a disposição gráfica remetem a uma linguagem visual aristocrática, que dialoga com a imagem de sofisticação cultivada pela elite ludovicense.

A própria escolha da Revista Elegante como veículo para este tipo de publicidade não é aleatória. Trata-se de uma publicação voltada a um público leitor interessado em moda, cultura e comportamento refinado. A circulação dessa revista entre os setores letrados e abastados da sociedade maranhense permitia que esse tipo de conteúdo alcançasse precisamente os homens que buscavam se afirmar socialmente por meio do vestuário. Assim, a propaganda não apenas promovia produtos, mas também sugeria estilos de vida, encorajando a adesão a padrões estéticos e culturais que legitimavam e reforçavam as hierarquias sociais.

Desse modo, a análise desse anúncio permite compreender como o vestuário masculino foi representado não apenas como elemento funcional, mas como signo de identidade, distinção e pertencimento. Ele reflete as tensões entre tradição e modernidade, entre o local e o cosmopolita, marcando o corpo masculino como espaço de expressão social e cultural. Portanto, o anúncio analisado não deve ser visto apenas como peça de marketing, mas como um importante registro das práticas de consumo, dos ideais de masculinidade e das estratégias simbólicas

empregadas para manter e reforçar estruturas sociais na São Luís da virada do século XX.

De acordo com João Costa Gouveia Neto (2008), as elites ludovicenses da segunda metade do século XIX esforçavam-se para adotar os modelos de comportamento e aparência difundidos na Europa, especialmente a francesa, considerada o ápice da civilização. Essa adesão era visível tanto nas práticas cotidianas quanto no vestuário, que se tornava um campo privilegiado de visibilidade social. Em São Luís, como em outras capitais brasileiras, era comum que os homens das classes dominantes utilizassem roupas feitas com casimiras importadas da Inglaterra, com cortes inspirados na alfaiataria londrina, conforme se verificava nos anúncios da imprensa local e nas páginas da *Revista Elegante*, voltada ao público masculino refinado.

Essa influência europeia também foi amplificada por outros canais, como a educação formal, os clubes sociais e o teatro, onde o traje adequado era exigência para o ingresso e permanência nos espaços de convivência pública. Como observa Lima (2020), o vestuário masculino europeu servia como uma espécie de “farda civilizatória” para os homens da elite brasileira, reforçando os códigos de distinção racial, de classe e de gênero. Ao adotar esses códigos, os sujeitos se aproximavam simbolicamente dos centros de poder e de prestígio, ao mesmo tempo em que se distanciavam dos elementos considerados “atrasados”, “populares” ou “nativos”.

Figura 8- Anúncio dos Armazéns Teixeira na Revista Elegante

Revista Elegante

Reguladores. Regatas. Respedeiras. Quadros para paredes. Suspensórios de tecido de seda. Suspensórios em tecido de algodão. Sandálias para homens. Sapatos de políca e verniz para homens. Salomões de diferentes fabricações. Sapatos para rapazes. Sapatos para limpar metais. Sapatos caribolhos para o banho. Sapatos para roupa suja. Sobretudo impermeável para homens.	Sobretudo impermeável para meninas e meninos. Sapatos de borracha. Sapatos para jiu-jitsu. Sarcenetos. Seguradores pacotes. Sparklets. Tapetes de lan para salis. Tapetes de lan para salis. Tapetes para quarto de dormir. Tapetes para porta. Tapetes felpudos para rosto. Tapetes felpudos para o banho. Termômetros para febre. Tinteiros. Tinteiros. Tinteiros.	Tintas de escrever. Tintas de aquarilla. Tintas de impressão. Tintas para cartões. Tortilhões (desenho). Tira-linhas. Trabalhos typograficos (faz-se todo e qualquer trabalho concernente às artes graficas). Uniformes militares. Velocipedes para meninos. Venezas para janelas. Vitrines para o cabelo. Vasos de longa para flores. Vasos de vidro para flores. Vistas stereoscópicas.
--	---	--

Completo sortimento
DE
CASEMIRAS PRETAS
— AZUIS E DE CORES —
para fatos completos

Grande deposito de cortes de fustão para coletes.
 Grande escolha em cortes de seda para coletes.
 Botões apropriados para estes coletes.
 Grande deposito de brins de linho branco, pardos e de cores.
 Grande deposito de fendas proprias para pijamas.
 Alamanes para os mesmos.
 Sedas cruas para coletes e pijamas.
 Platinas para ceroulas. Linhos para ceroulas.

Armazens Teixeira
SEÇÃO DE ALFAIATAS

Artigos para desenho
 Papeis, lapis, crayons, esquadricas, tortilhões, cartões (frazes) nankin, borachas, perceções (pauzinhos) praticantes, etc.

ARMAZENS TEIXEIRA
Seção de typographia

Objectos de charão
 GRANDE EXPOSIÇÃO NESTE ARTIGO, NAS VITRINES DOS

Armazens Teixeira
Seção de mercadorias



Fonte: Revista Elegante. Maranhão: Typographura Teixeira, Ano XI, nº 110, jan.-jun. 1906.

A análise da imagem publicitária veiculada na Revista Elegante, pertencente à edição de janeiro a junho de 1906, revela com grande clareza a forte influência dos padrões europeus no vestuário masculino da elite ludovicense no final do século XIX e início do século XX. A peça é um anúncio dos Armazéns Teixeira, seção de alfaiataria, e tem como destaque a oferta de “casemiras pretas, azuis e de cores” — tecidos nobres utilizados na confecção de fatos completos (ternos), que eram símbolo da elegância e respeitabilidade masculina. A centralidade desse anúncio, tanto na disposição gráfica quanto no seu conteúdo simbólico, oferece uma rica oportunidade para refletir sobre como os padrões europeus de moda e conduta foram internalizados pelas elites urbanas maranhenses e reproduzidos no espaço social da capital.

O elemento visual mais marcante do anúncio é a figura de um homem trajando um elegante terno com cartola, colete e gravata, em clara alusão à indumentária britânica da era vitoriana e eduardiana. Esse tipo de vestimenta remetia ao ideal de cavalheiro europeu, cuja postura, trajes e hábitos eram tomados como modelos de civilidade e distinção. A imagem do homem bem vestido, altivo e alinhado simboliza não apenas a adoção de um estilo estrangeiro, mas a tentativa de apropriação de um conjunto de valores associados ao progresso, à ordem, à disciplina e ao status. A reprodução dessa figura em um periódico maranhense,

portanto, não é casual, mas estratégica: buscava-se, por meio da visualidade, afirmar uma identidade masculina moderna, alinhada aos padrões internacionais e afastada dos traços locais considerados arcaicos ou rústicos.

A linguagem do anúncio também é reveladora. Termos como “fatos completos”, “casemiras de lã pura”, “brins de linho branco”, “sedas cruas”, “patilhas para ceroulas” e “linhos para ceroulas” reforçam o requinte do vestuário masculino e a sofisticação dos materiais utilizados, remetendo a um universo de consumo importado e elitizado. A presença de tecidos específicos e importados, bem como a menção à fabricação sob medida (alfaiataria), denota uma preocupação com a individualidade e com a perfeição estética, características centrais do vestuário masculino burguês europeu do período.

Nesse sentido, a propaganda dos Armazéns Teixeira não apenas vendia roupas, mas promovia um ideal de masculinidade civilizada, cosmopolita e burguesa, em consonância com o projeto de modernização das elites brasileiras do início do século XX. Tais ideais estavam diretamente conectados à Europa, vista como modelo de refinamento, bom gosto e avanço cultural. São Luís, apesar de sua localização periférica em relação ao centro político e econômico do Brasil, buscava se inserir nesse movimento de modernidade por meio de seus discursos visuais e práticas culturais, e a Revista Elegante funcionava como um instrumento privilegiado de mediação desses valores.

A incorporação de elementos visuais e simbólicos europeus na publicidade e no vestuário masculino ludovicense pode ser entendida como parte de um processo de colonização cultural, em que as elites locais adotavam e difundiam padrões estrangeiros como forma de distinção social. A elegância, nesse contexto, tornava-se não apenas uma questão de estética, mas um marcador de pertencimento de classe e de aspiração cultural. Vestir-se à maneira europeia significava, portanto, não apenas seguir uma moda, mas expressar uma visão de mundo, uma identidade desejada e um projeto de modernidade a ser alcançado.

A figura masculina representada no anúncio também comunica mensagens sobre postura corporal e modos de ser: o porte ereto, o olhar altivo e a indumentária rígida sugerem autocontrole, disciplina e racionalidade — atributos centrais da masculinidade burguesa europeia. Tal representação contrasta com imagens anteriores e populares de masculinidade baseadas na rusticidade, na força física e

na informalidade. O novo homem que emerge nas páginas da Revista Elegante é urbano, culto, consumidor e esteticamente consciente de sua aparência.

Desse modo, o anúncio em análise transcende sua função comercial e assume o papel de um artefato cultural carregado de significados sociais, políticos e simbólicos. Ele nos permite compreender como o vestuário masculino em São Luís, no período de 1892 a 1905, foi fortemente moldado por modelos europeus, e como a imprensa de moda contribuiu para consolidar esse imaginário, reforçando padrões de distinção e hierarquia social. Ao examinar essa figura e seu contexto, evidencia-se que o vestuário não era apenas um código estético, mas um discurso visual através do qual se construíam e legitimavam identidades masculinas no Maranhão oitocentista e novecentista.

Sobreleva que é importante destacar que essa influência não se deu de forma homogênea nem incontestada. Em diversas regiões do Brasil, incluindo o Maranhão, havia adaptações criativas e resistências sutis ao modelo europeu, que se manifestavam tanto na forma de uso do vestuário quanto na incorporação de elementos locais, como tecidos leves, acessórios regionais e variações no uso das peças. Conforme analisa Tavares (2025), a apropriação da moda europeia no Brasil foi um processo ambíguo, no qual conviviam simultaneamente a imitação, a adaptação e a contestação simbólica. Mesmo nas elites, era comum encontrar uma “tropicalização” do traje europeu, tanto por questões climáticas quanto culturais, como é representado na imagem abaixo.

Figura 9- Anúncio dos Armazéns Teixeira na Revista Elegante acerca dos produtos voltados ao homem moderno.



Fonte: Revista Elegante. Maranhão: Typographura Teixeira, Ano XI, nº 110, jan.-jun. 1906.

A imagem apresenta anúncios dos Armazéns Teixeira, destacando produtos voltados ao público masculino, como sabonetes finos, robes de chambre, pijamas e sobretudo de casemira impermeável. O destaque dado às roupas importadas e de alto padrão, como os sobretudos e robes, reafirma a forte influência europeia na construção da elegância masculina em São Luís no início do século XX. A associação entre higiene, vestuário requintado e tecnologia (máquinas de costura) reforça os ideais de masculinidade moderna e civilizada da época, direcionada às elites locais.

Aucar, Bon e Siciliano (2021, p.44) apontam que:

os periódicos ilustrados de moda atuaram como veículos de disseminação do ideal europeu de elegância, não apenas apresentando as tendências vigentes nas capitais do Velho Mundo, mas também educando os leitores brasileiros quanto aos modos adequados de se portar e vestir. Essas revistas desempenhavam papel normativo, funcionando como manuais de etiqueta visual que reforçavam os valores da elite e, ao mesmo tempo, marginalizavam as formas populares de vestir.

A adoção dos modelos europeus no Brasil, no entanto, não foi um processo neutro ou homogêneo. Como afirma Brandini (2009), a cultura de consumo na modernidade implicava adaptações e negociações locais. A tropicalização dos trajes – muitas vezes inadequados ao clima brasileiro – expõe o paradoxo entre a aspiração civilizatória e as condições concretas da vida cotidiana. Ainda assim, o

uso de roupas de corte europeu, mesmo desconfortáveis, era considerado um símbolo de pertencimento às camadas educadas e cosmopolitas da sociedade.

Essa relação de dependência cultural foi descrita por Debom (2022) como parte da “moda enquanto fenômeno histórico complexo”, que não se limita ao vestir, mas envolve também valores simbólicos de poder, distinção e identidade. A escolha por certos modelos europeus, como o fraque, o redingote e a cartola, estava intimamente ligada à construção da figura do homem moderno, respeitável e disciplinado, moldado pelos valores da burguesia capitalista e liberal. O vestuário, portanto, era uma forma de corporificar ideais de progresso, eficiência e moralidade.

No campo do vestuário especificamente masculino, Schemes, Araujo e Andrade (2009) ressaltam que o domínio da moda francesa se consolidou com força a partir da Restauração de Carlos II e continuou influente até o século XX. O uso de peças como o colete ajustado, o casaco escuro e a camisa engomada, todos herdados do modelo europeu, tornava-se obrigatório para homens que desejavam afirmar seu pertencimento às camadas civilizadas. Não por acaso, a camisa passou de peça íntima a protagonista do traje masculino, como demonstrado por Oliveira (2021), que mapeou sua evolução e importância simbólica nos trajes europeus entre os séculos XVI e XIX – trajetória essa que se refletiu diretamente no Brasil do período estudado.

No espaço maranhense, essa apropriação dialogava também com o imaginário urbano em construção. A cidade de São Luís, marcada por forte herança colonial e por vínculos com a cultura francesa, cultivava uma estética de requinte e intelectualidade que fazia da moda um elemento-chave na construção da identidade da elite local. A incorporação dos modelos europeus, nesse sentido, não era apenas uma questão de gosto, mas um projeto político-cultural de pertencimento simbólico a uma ordem civilizatória e racializada (Rodrigues; Santana, 2022).

Essas influências também operavam no nível das práticas sociais. Estar bem vestido segundo os moldes europeus significava mais do que ter bom gosto: representava disciplina corporal, domínio moral e distinção social. Como apontam Perrot (1981) e Gouveia Neto (2008), as cidades brasileiras – em especial suas elites – construíram seus projetos de modernidade inspirados nos modelos europeus, não apenas no plano urbano, mas também nas formas de sociabilidade, comportamento e vestuário. Assim, ao imitar a moda francesa ou britânica, os

homens brasileiros não estavam apenas escolhendo uma roupa, mas reivindicando um lugar dentro de uma ordem simbólica ocidental, branca e burguesa.

Portanto, o vestuário masculino brasileiro entre os séculos XIX e XX não pode ser compreendido isoladamente. Ele é fruto de um processo de transposição cultural que envolveu a importação de valores, comportamentos e práticas sociais vindos da Europa. Esse fenômeno, mediado pela imprensa, pela educação e pelas relações econômicas, ajudou a constituir um imaginário de modernidade que moldou profundamente os corpos, as identidades e os espaços sociais no Brasil urbano da virada do século.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise ao longo deste trabalho permitiu compreender a moda masculina em São Luís do Maranhão, como um fenômeno que ultrapassa a função da vestimenta. Através das edições da Revista Elegante e da trajetória da Alfaiataria Teixeira, foi possível identificar como o vestuário e seus acessórios estavam inseridos em um contexto de transformações sociais, comportamentais, econômicas e culturais vividas pela sociedade ludovicense.

Ao investigar os elementos que compunham o vestuário masculino — como ternos bem ajustados, cartolas, bengalas, luvas e coletes —, pôde-se observar que tais peças não eram apenas símbolos de distinção social, mas também instrumentos de performatividade de gênero. O homem elegante, retratado nas páginas da revista, era representado como culto, refinado, bem-apessoado e comprometido com uma ética do bom gosto e da moralidade pública. Essa imagem estava em consonância com os valores da elite urbana de São Luís, que buscava afirmar-se como civilizada, moderna e alinhada às tendências do Velho Mundo.

Mais do que roupas especiais e produtos importados, o estudo nos revela padrões de comportamento, aspirações estéticas e valores simbólicos, compartilhados pela elite urbana da época. A presença das fotgravuras nas edições da revista e sua associação à técnica de impressão por tipografia a vapor reforçam o papel da imprensa como mediadora de novos ideais de modernidade, progresso e distinção social. Ao mesmo tempo, destacam a relevância da moda como linguagem que comunica identidades e pertencimentos.

A Revista Elegante surgiu em um período de avanço tecnológico na imprensa, justamente quando os métodos de reprodução e impressão de imagens em conjunto com o texto estavam em fase inicial. O próprio periódico evidenciava esse desenvolvimento contínuo, revelando o aprimoramento os poucos dessas técnicas ao longo de suas edições.

Dessa forma, ao interligar moda e imprensa, este estudo procura nos mostrar uma dimensão pouco explorada da história maranhense, contribuindo para o reconhecimento da indumentária como um campo de investigação histórica e como recurso expressivo das dinâmicas sociais e simbólicas de seu tempo. A discussão sobre a transformação do ideal masculino, a construção histórica da aparência, eram atos carregados de significado. Eles não apenas refletiam, mas ativamente construíam identidades, aspirações e a ordem social de uma elite em busca de modernidade.

Nesse sentido, a Revista Elegante funcionou como um veículo formador de opiniões e comportamentos, ao mesmo tempo em que refletia os anseios de uma sociedade em transformação, marcada por tensões entre tradição e modernidade. As representações do vestuário masculino não apenas ditavam modas, mas também consolidavam um ideal de masculinidade que excluía expressões divergentes e reforçava uma identidade masculina hegemônica — branca, letrada e economicamente favorecida.

Portanto, conclui-se que o periódico teve papel central na disseminação de um modelo de homem urbano moderno, elegante e civilizado, moldado pelos referenciais europeus, e contribuiu decisivamente para a construção simbólica da masculinidade na São Luís da época. A pesquisa lança luz sobre os modos como a moda e a imprensa interagem na produção de subjetividades, e aponta para a relevância de se estudar o vestuário como linguagem e prática social historicamente situada.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.T.S. Imperialismo europeu na África: uma visão panorâmica. **Revista de História e Debates**. v. 3, n. 5, p. 147-160, jan./jun. 2017
- ARAÚJO, P. A. **Exercício filosófico sobre a obra “O império do efêmero”, de Gilles Lipovetsky**. Moda ,palavra e periódico, Ano 6, n.9, jan-jul 2012, pp. 133
- AUCAR, B.; BON, O.; SICILIANO, T As narrativas do vestir: modas e consumos no Segundo Reinado em análise nos periódicos O Novo Correio das Modas e A Estação. **Revista Dobras**, v. 31, p. 143-159, jan./abr. 2021.
- AZEVEDO, A.N. A gênese e o desenvolvimento da idéia de civilização na Europa: Da Idade moderna ao século XIX. **Revista Intellectus**, Ano 03, Vol. II, 2004.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília, DF: Editora UnB, 1998. 2 v.
- BRANDINI, V. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. **Revista Signos do Consumo**, v. 1, n. 1, p. 74–101, 2009.
- BRITO, N.S. **Um resgate histórico das primeiras fábricas de São Luís: o caso das fábricas do Rio Anil e Santa Amélia**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Ceuma, São Luís, 2014.
- CAMARGO, A.M.A. **A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil**. 1969, Campinas.
- CAMARGO, A.M.A. **A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 5., 1969, Campinas. Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. Portos, rotas e comércio. São Paulo: FFLCH-USP, 1971. v. 2, p. 225-239.
- CARDOSO, J.L. **A Revolução Liberal de 1820: guião de uma revolução inacabada**. Anais do Museu de Literatura Brasileira, 2019.
- COSTA, C.R. **A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro**. 2. ed. São Paulo: Alameda, 2019.
- CRUZ, H.F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915**. São Paulo: Educ, 2000.
- DE LUCA, T.R. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. - (Prismas)
- DEBOM, P. Moda: nascimento, conceito e história. **Veredas da História**, v. 11, n. 2, p. 7–25, 2022.

FERREIRA, C.E. **Teatro São Luiz: entretenimentos e sociabilidades na capital da província do Maranhão na segunda metade do século XIX**. Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

FERREIRA, L.A.; COSTA, M.V. Moda e Masculinidade: um olhar sobre os códigos do vestir masculino na modernidade. **Revista Brasileira de Moda e Sociedade**, v. 6, n. 1, p. 45–62, 2022.

FONSECA, E.S. **Manchester Do Norte?": a história local em sala de aula por meio de uma sequência didática sobre o parque fabril de São Luís**. UFMA, São Luís, 2023

FREITAS, M.; MOURA, L.H. **Moda e Masculinidades no Brasil Oitocentista: Leitura da Imprensa de Moda como Espaço de Performance Social**. São Paulo: Editora Contexto, 2025.

GONÇALVES, L.; LIMA, C.E. Entre o terno e a moral: a formação da masculinidade burguesa através do vestuário. **Cadernos de História Social**, v. 14, n. 2, p. 78–95, 2021.

GONÇALVES, R.; SOUZA, F. A construção da masculinidade através do traje: uma leitura histórica da moda do século XIX. **Revista Brasileira de Estudos da Moda**, v. 11, n. 2, p. 34–50, 2021.

GOUVEIA NETO, J.C. Hábitos costumeiros na São Luís da segunda metade do século XIX. **Em Tempo de Histórias**, n. 13, p. 7–14, 2008.

LEVENTON, M. (Org.). **História Ilustrada do Vestuário**. São Paulo: Publifolha, 2009.

LIMA, R.C. A roupa como símbolo de poder: masculinidade, raça e classe no Brasil do século XIX. **Revista Estudos Históricos Contemporâneos**, v. 7, n. 2, p. 54–71, 2020.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOPES, M.C. Vestuário e Gênero: A racionalização da moda masculina no século XIX. **Cadernos de História Social e Cultural**, v. 17, n. 1, p. 89–105, 2022.

MATOS, M.F.B.; ARAÚJO, R.C.A. Imprensa no Maranhão: trajetória bicentenária. **Outros Tempos**, vol. 18, n. 32, São Luís, 2021.

MOREIRA, A.C.; SOARES, F.M. A indumentária masculina e o projeto civilizatório no Brasil imperial. **Revista Brasileira de História da Cultura**, v. 10, n. 1, p. 101–120, 2023.

OLIVEIRA, L.H.F. **A camisa masculina entre os séculos XVI e XIX: um mapeamento de elementos materiais e modelagem**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

OLIVEIRA, M.G.; ALMEIDA, T. A moda como instrumento de modernização no Brasil oitocentista: influências europeias e processos de adaptação local. **Revista Sociocultural Brasileira**, v. 5, n. 1, p. 85–102, 2021.

PERIOTTO, M.R. O correio braziliense (1808-1822), o ensino mútuo e o desenvolvimento material do Brasil. Universidade Estadual de Maringá, **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.45, p. 49-61, mar2012

PERROT, P. **Les dessus et les dessous de la bourgeoisie**. Paris: Fayard, 1981.

PINSKY, C.B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2009.

PRADO, E.C. Moda masculina e identidade de gênero: performatividade e controle social na virada do século XX. **Revista Estudos de Gênero e Cultura**, v. 3, n. 1, p. 101–120, 2025.

REIS, F. **Grupos Políticos e Estrutura Oligárquica no Maranhão**. São Luís: UNIGRAF, 2007.

REVISTA ELEGANTE. **Anno XI, Nº 110, jan./jun. 1906**. São Luís: Typ. do Paiz, 1906. Disponível em: acervo físico do Arquivo Público do Estado do Maranhão. Acesso em: 04 ago. 2025.

ROCHA, D.; MARTINS, J. Racismo estético e vestuário: a exclusão simbólica nas práticas de moda no Brasil do século XIX. **Revista Brasileira de História da Cultura**, v. 9, n. 2, p. 89–108, 2024.

RODRIGUES, L.; SANTANA, V. Moda, civilidade e identidade na São Luís oitocentista: uma leitura a partir da imprensa. *Revista Cultura & Sociedade Maranhense*, v. 3, n. 2, p. 33–49, 2022.

SAMPAIO, J.M.S. **Silhuetas da história: moda, gênero e transformações sociais em São Luís (1920-1950) e o paradidático “Modos e Modas na cidade de São Luís”**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

SANTIAGO, B.O. **Cultura visual e imprensa no século XIX: um estudo das imagens da escravidão na Semana Ilustrada**. In *Anais do VII Simpósio Nacional de História Cultural*, 2014.

SANTOS, A.K.A.; PFLUEGER, G.S. Modernidades industriais no Maranhão. **Labor & Engenho**, v.13, e 019021, 2019.

SANTOS, A.P.; MONTEIRO, R. Moda, classe e masculinidade: os limites da elegância no Brasil oitocentista. **Revista Cultura & Identidade**, v. 12, n. 1, p. 60–77, 2020.

SCHEMES, C.; et al. A vestimenta masculina, cores e apropriações. **Cultura Visual**, n. 12, p. 11–26, 2009.

SCHWARCZ, L.M. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRA, J. **Sessenta anos de jornalismo: a imprensa no Maranhão (1820-1880)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Faro & Lino, 1883.

SILVA, A.S. **Revista do Norte: a impressão fotográfica e a impressão social da São Luís no começo do século XX**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SILVA, A.S.; FERREIRA JUNIOR, J.R. "Acervo de uma era: a imagem fotográfica na Revista do Norte." **Revista Memória em Rede**, v. 11, n. 21, 2019, p. 192-214. Periódicos UFPel.

SILVA, J.; CORRÊA, C. A Revista Elegante e a influência francesa na cultura maranhense: moda, linguagem e distinção. **Estudos de Cultura e Imprensa Histórica**, v. 6, n. 1, p. 90–108, 2024.

SILVA, J.A.; ALBUQUERQUE, M.R. A Revista Elegante e o discurso da civilidade masculina no Maranhão (1892-1905). **Revista de Comunicação e Cultura Histórica**, v. 7, n. 1, p. 33–51, 2023.

SILVA, J.; PEREIRA, A.C. Revistas de Moda e Modernidade no Brasil: o caso da Revista Elegante (1892–1905). **Estudos de Comunicação e Cultura**, v. 15, n. 1, p. 56–73, 2023.

SILVA, M.T.; SOUSA, S.A. **Modernidade: algumas abordagens**. Editora Saraiva, 2017.

SILVA, R.A.C. “O Conciliador do Maranhão” e “Memória sobre a Tipografia Maranhense” impressos do século XIX: considerações sobre a matéria prima papel e ações extrínsecas invasivas praticadas por consulentes. Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 176-199. ISSN: 1808-8031

SODRÉ, N.W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

TAVARES, B.L. A tropicalização da moda europeia no Brasil do século XIX: apropriações e resistências. **Revista Latino-Americana de Moda e Sociedade**, v. 2, n. 1, p. 77–93, 2025.

VIEIRA, L.C. **Imprensa: fonte de pesquisa**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

LACROIX, Lourdes Lauande. **A fundação francesa de São Luís e seus mitos**. São Luís, Lithograf, 2002.

RAMOS, Allyson Bruno Pereira. **Carapuça: pequena imprensa abolicionista maranhense no final do Oitocentos**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2018.

SOUSA, Alina Silva. **A família na República: imprensa e casamento civil em São Luís na década de 1890**. 2021. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.